Meditações de Santo Tomás de Aquino para a Quaresma

Título da obra em latim:
MEDULLA S. THOMAE AQUITATIS PER OMNES ANNI LITURGICI DIES DISTRBUITA, SEU MEDITATIONES EX OPERIBUS S. THOMAE DEPROMPTAE

*Extraído das **Meditações para todos os dias do Ano Litúrgico** a partir das obras de Santo Tomás de Aquino, Doutor Angélico e Doutor Comum da Igreja universal, originalmente compiladas pelo Pe. D. Mézard, O. P.*[1]

Sumário

1. Quarta-feira de Cinzas: A morte 4
2. Quinta-feira depois das Cinzas: O jejum 5
3. Sexta-feira depois das Cinzas: A coroa de espinhos 6
4. Sábado depois das Cinzas: O grão de trigo 7
5. Primeiro domingo da Quaresma: A tentação de Cristo 8
6. Segunda-feira depois do I domingo da Quaresma: Cristo devia ser tentado no deserto 8
7. Terça-feira depois do I domingo da Quaresma: De que modo Cristo sofreu todos os sofrimentos 9
8. Quarta-feira depois do I domingo da Quaresma: A imensidade da dor da Paixão de Cristo 10
9. Quinta feira depois do I domingo da Quaresma: Foi conveniente Cristo ser crucificado entre ladrões 11
10. Sexta-feira depois do I domingo da Quaresma: Na festa da lança e dos cravos de Nosso Senhor 12
11. Sábado depois do I domingo da Quaresma: A Caridade de Deus na Paixão de Cristo 13
12. Segundo domingo da Quaresma: Se Deus Pai entregou Cristo à Paixão 14
13. Segunda-feira depois do II domingo da Quaresma: Se foi conveniente que Cristo sofresse da parte dos gentios 15

[1] A transcrição e o livro, no formato "djvu", desta compilação em latim podem ser encontrados neste site: https://www.ultramontes.pl/medulla_s_thomae.htm

14. Terça-feira depois do II domingo da Quaresma: A Paixão de Cristo causou a nossa salvação a modo de mérito 16
15. Quarta-feira depois do II domingo da Quaresma: A Paixão de Cristo causou nossa salvação a modo de satisfação 17
16. Quinta-feira depois do II domingo da Quaresma: A Paixão de Cristo se realizou a modo de sacrifício..... 18
17. Sexta-feira depois do II domingo da Quaresma: O Santo Sudário. 19
18. Sábado depois do II domingo da Quaresma: A Paixão de Cristo obrou nossa salvação a modo de Redenção 20
19. Terceiro domingo da Quaresma: Pela Paixão somos liberados do pecado 21
20. Segunda-feira depois do III domingo da Quaresma: Pela Paixão fomos libertados do poder do diabo 22
21. Terça-feira depois do III domingo da Quaresma: Cristo, o verdadeiro Redentor 24
22. Quarta-feira depois do III domingo da Quaresma: O Preço da Nossa Redenção 25
23. Quinta-feira depois da III semana da Quaresma: A pregação da samaritana 26
24. Sexta-feira depois do III domingo da Quaresma: Pela Paixão fomos liberados da pena do pecado 27
25. Sábado depois do III domingo da Quaresma: Pela Paixão fomos reconciliados com Deus 28
26. Quarto domingo da Quaresma: Cristo com sua paixão abriu a porta do céu 29
27. Segunda-feira depois do IV domingo da Quaresma: Cristo mereceu, pela sua paixão, ser exaltado 30
28. Terça-feira depois do IV domingo da Quaresma: O exemplo de Cristo crucificado 31
29. Quarta-feira depois do IV domingo da Quaresma: O amigo divino 33
30. Quinta-feira depois do IV domingo da Quaresma: A morte de Lázaro 33
31. Sexta-feira depois do IV domingo da Quaresma: O Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor 35
32. Sábado depois do IV domingo da Quaresma: O modo mais conveniente para a liberação do gênero humano 36
33. Primeiro domingo da Paixão: A Paixão de Cristo 37
34. Segunda-feira depois do I domingo da Paixão: A Paixão de Cristo é remédio contra todos os pecados 38
35. Terça-feira depois do I domingo da Paixão: O Sepulcro de Cristo 40
36. Quarta-feira depois do I domingo da Paixão: O Sepulcro Espiritual 41
37. Quinta-feira depois do I domingo da Paixão: O Sinal maior do amor de Cristo 42

38. Sexta-feira depois do I domingo da Paixão: A compaixão de Nossa Senhora 43
39. Sábado depois do I domingo da Paixão: De que modo devemos lavar os pés uns dos outros? 44
40. Domingo de Ramos: Utilidade da Paixão de Cristo como exemplo 45
41. Segunda-feira santa: Necessidade de uma perfeita purificação 46
42. Terça-feira santa: Preparação de Cristo ao Lava-Pés 47
43. Quarta-feira santa: Três ensinamentos místicos no Lava-Pés..48
44. Quinta-feira santa: A ceia do Senhor...49
45. Sexta-feira santa: A morte de Cristo..50
46. Sábado Santo: Utilidade da descida de Cristo aos infernos 51

1. Quarta-feira de Cinzas: A morte

"Por um homem entrou o pecado neste mundo e, pelo pecado, a morte" (Rm. 5, 12)

1. Se alguém, por culpa sua, foi privado de algum benefício, que lhe fora dado, a privação desse benefício será a pena da culpa cometida. Ora, o homem, desde o primeiro instante da sua criação, recebeu de Deus o benefício de, enquanto tivesse o seu espírito sujeito a Deus, ter sujeitas à alma racional as potências inferiores dela, e o corpo, à alma. Ora, tendo o espírito do homem repelido, pelo pecado original, a sujeição divina, daí resultou que as potências inferiores já não se sujeitaram totalmente à razão, donde procedeu a tão grande rebelião dos apetites carnais contra ela, nem já o corpo se subordinou totalmente à alma, donde resultou a morte e as outras deficiências corporais. Ora, a vida e a saúde do corpo consistem em sujeitar-se à alma, como o perfectível, à sua perfeição. Por onde e ao contrário, a morte, a doença e todas as misérias do corpo resultam da falta de sujeição do corpo à alma. Donde, é claro que, assim como a rebelião do apetite carnal contra o espírito é a pena do pecado dos nossos primeiros pais, assim também o é a morte e todas as misérias do corpo.

2. A alma racional é, por essência, imortal. Por onde, a morte não é natural ao homem quanto à sua alma. Quanto ao corpo do homem, uma vez que é composto de elementos opostos, dele se segue necessariamente a corruptibilidade. E, quanto a isso, a morte é natural ao homem. Ora, Deus, criador do homem, é onipotente. Por isso, por benefício seu, livrou o homem, desde o primeiro instante da sua criação, da necessidade de morrer, resultante da matéria que o constituía. Ora, esse benefício perderam-no pelo pecado os nossos primeiros pais. E assim, a morte é natural pela condição da matéria; e é penal pela perda do benefício divino, que dela preservava.

IIa IIae, q. CLXIV, a. 1[2]

3. A culpa original e a atual são removidas por Cristo, isto é, por aquele mesmo por quem se removem as misérias corpóreas, conforme aquilo do Apóstolo: "dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito, que habita em vós". Mas, uma e outra coisa se realizarão em tempo oportuno, segundo a ordem da divina sabedoria. Pois, havemos de chegar à imortalidade e à impassibilidade da glória, começada em Cristo, que no-la adquiriu, depois de lhe termos, durante a vida, participado dos sofrimentos. Por isso, é necessário que, conformes com Cristo, a sua passibilidade perdure nos nossos corpos, para merecermos a impassibilidade da glória.

Ia IIae, q. LXXXV, a. V, ad 2um.

---

[2] Trata-se de uma referência à Suma Teológica, cujo título está subtendido quando seguir uma indicação assim. As demais obras de Santo Tomás, tomadas pelo autor como referências para a composição dessas meditações, serão indicadas pelo título da obra de maneira abreviada, como, e.g., seus Comentários ao Evangelho de São João, indicado apenas por "In Joan".

2. Quinta-feira depois das Cinzas: O jejum

I. — Pratica-se o jejum por três motivos:

1) Primeiro, para reprimir as concupiscências da carne. Donde o dizer o Apóstolo (2 Cor 6, 5): “Nos jejuns, na necessidade”, porque o jejum conserva a castidade. Pois, como diz Jerônimo, “sem Ceres e Baco Vênus esfria”, i. e., pela abstinência da comida e da bebida a luxúria se amortece.
2) Segundo, praticamos o jejum para mais livremente se nos elevar a alma na contemplação das sublimes verdades. Por isso, refere a Escritura que Daniel (Dn. 10), depois de ter jejuado três semanas, recebeu de Deus a revelação.
3) Terceiro, para satisfazer pelos nossos pecados. Por isso, diz a Escritura (Jl 2, 12): “Convertei-vos a mim de todo o vosso coração em jejum e em lágrimas e em gemido”. E é o que ensina Agostinho num sermão: “O jejum purifica a alma, eleva os sentidos, sujeita a carne ao espírito, faz-nos contrito e humilhado o coração, dissipa o nevoeiro da concupiscência, extingue os odores da sensualidade, acende a verdadeira luz da castidade”.

II. — O jejum é objeto de preceito. Pois o jejum é útil para delir e coibir as nossas culpas e elevar-nos a mente para as coisas espirituais. Ora, cada um está obrigado, pela razão natural, a jejuar tanto quanto lhe for necessário para conseguir tal fim. Por onde, o jejum, em geral, constitui um preceito da lei natural. Mas, a determinação do tempo e do modo de jejuar, conforme à conveniência e à utilidade do povo Cristão, constitui um preceito de direito positivo, instituído pelos superiores eclesiásticos. E tal é o jejum da Igreja, diferente do jejum natural.

III. — Os tempos de jejum estão convenientemente determinados pela Igreja. O jejum é ordenado por dois motivos: para delir a culpa e para nos elevar a mente às coisas espirituais. Por isso, os jejuns foram ordenados especialmente naqueles tempos em que, sobretudo, devemos os fiéis nos purificar dos pecados e elevar a mente a Deus pela devoção. O que sobretudo se dá antes da solenidade Pascal, quando as culpas são delidas pelo batismo, celebrado solenemente na vigília da Páscoa, em memória da sepultura do Senhor; pois, pelo batismo, somos sepultados com Cristo para “morrer ao pecado”, na frase do Apóstolo (Rm. 6, 4). E também na festa Pascal devemos, sobretudo, pela devoção, elevar a mente à glória da eternidade, a que Cristo deu começo pela sua ressurreição. Por isso, imediatamente antes da solenidade Pascal, a Igreja nos manda jejuar; e pela mesma razão, nas vigílias das principais festividades, quando devemos nos preparar devotamente para celebrar as festas que se vão celebrar.

Ia IIae, q. CXLVII, a. 1, 3, 5.

3. Sexta-feira depois das Cinzas: A coroa de espinhos

"Saí, filhas de Sião, e vêde o rei Salomão com o diadema de que sua mãe o coroou no dia do seu casamento e no dia do júbilo do seu coração" (Ct 3, 11)

É a voz da Igreja que convida as almas dos fiéis a contemplar quão admirável e belo é seu Esposo. Pois as filhas de Sião são iguais às filhas de Jerusalém, almas santas, habitantes do Reino de Deus, que gozam, com os anjos, da paz perpétua e da contemplação da glória do Senhor.

I. — Saí, ou seja, deixai a vida turbulenta deste mundo, para que, com o espírito livre, possais contemplar aquele a quem amais. E vêde o rei Salomão, isto é, o verdadeiro e pacífico Cristo. Com o diadema de que sua mãe o coroou; que é como se dissesse: considerai o Cristo, que, por nós, se fez carne, que tomou a carne da carne de sua Virgem Mãe. O diadema é sua carne, carne que tomou por nós, carne na qual morreu, destruindo o império da morte; carne na qual ressuscitou, deixando-nos a esperança da ressurreição.

Deste diadema, diz o Apóstolo (Heb 2, 9): "Mas aquele Jesus, que por um pouco foi feito inferior aos anjos, nós o vemos, pela paixão da morte, coroado de glória e de honra". Diz-se que sua mãe o coroou, pois a Virgem Maria deu-lhe a carne de sua carne.

No dia do seu casamento, isto é, no tempo de sua Encarnação, quando a si uniu a Igreja, sem mácula nem ruga; ou quando Deus uniu-se ao homem. No dia do júbilo do seu coração. A alegria e o júbilo de Cristo é a salvação e a redenção do gênero humano; "e, indo para casa, chama os seus amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha" (Lc 15, 6).

II. — Pode-se, também, aplicar tudo isso à Paixão de Cristo, segundo a letra. Com efeito, Salomão, prevendo em espírito a Paixão de Cristo muito antes, adverte as filhas de Sião, isto é, o povo Israelita: Saí, filhas de Sião, e vede o rei Salomão, isto é, o Cristo; com o diadema, ou a coroa de espinhos, que sua mãe, a sinagoga, o coroou no dia do seu casamento, quando a si uniu a Igreja, e no dia do júbilo do seu coração, quando rejubilou-se por ter, por sua Paixão, redimido o mundo do poder do inferno.

Saí, portanto, e deixai as trevas da infidelidade, e vede, isto é, compreendei que aquele que sofre como homem, é Deus verdadeiramente. Ou ainda: saí para fora de sua cidade para o verdes, crucificado, sobre o monte Calvário.

Expositio in Canticum canticorum, III

4. Sábado depois das Cinzas: O grão de trigo

"Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo" (Jo 12, 24)

I. — O grão de trigo é de dois modos usado: para o feitio do pão e para a semeadura. O versículo acima diz respeito ao grão de trigo como semente, não como matéria do pão, pois, nesse último caso, não precisa fecundar para dar fruto. Se o grão de trigo não morrer, não que perca sua virtude seminal, mas porque muda de espécie. "O que tu semeias não toma vida, se primeiro não morre" (1 Cor. 15, 36).

Ora, assim como o Verbo de Deus é semente na alma do homem, no sentido de que é introduzida por voz sensível, para produzir o fruto da boa obra, "A semente é a palavra de Deus" (Lc. 8, 11); assim o Verbo de Deus, revestido de carne, é semente enviada ao mundo para originar uma grande seara. Por isso, também é comparado com o grão de mostarda, como se lê nas Escrituras (Mt. 13). Nosso Senhor diz: Vim como semente para frutificar e, por isso, em verdade vos digo, "se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo", isto é, se Eu não morrer, o fruto da conversão das gentes não se produzirá. Também se compara ao grão de trigo por que veio para restaurar e sustentar as vidas humanas: ora, é sobretudo isto o que faz o pão de trigo. "o pão robustece o coração do homem" (Sl. 103, 15) e "e o pão que eu darei é a minha carne para a salvação do mundo" (Jo. 6, 52).

II. — "mas, se morrer, produz muito fruto" (Jo 12, 24).

Nosso Senhor alude aqui à utilidade da paixão, e é como se dissesse: a não ser que Eu caia por terra, humilhado, na minha Paixão, nenhum proveito se seguirá, pois se o grão de trigo não morrer, fica infecundo. Mas, se morrer, isto é, se Eu for castigado e morto pelos judeus, muito fruto se produzirá:

1. O fruto da remissão dos pecados. "todo o fruto será a expiação do seu pecado" (Is. 27, 9). Este fruto a Paixão de Cristo produziu, "Porque também Cristo morreu uma vez pelos nossos pecados, ele, justo pelos injustos, para nos oferecer a Deus" (1 Pd. 3, 18).
2. O fruto da conversão dos gentios a Deus. "fui eu que vos escolhi a vós, e que vos destinei para que vades e deis fruto, e para que o vosso fruto permaneça" (Jo. 15, 16). Este fruto a Paixão de Cristo produziu, "E eu, quando for levantado da terra, atrairei tudo a mim" (Jo. 12, 32).
3. O fruto da glória. "o fruto dos bons trabalhos é glorioso" (Sb. 3, 15). E, também este fruto, a Paixão de Cristo produziu, "Portanto, irmãos, temos nós confiança de entrar

no Santo dos Santos pelo sangue de Cristo, pelo caminho novo e vivo que nos abriu através do véu, isto é, através de sua carne" (Heb. 10, 19)

In Joan, XII

5. Primeiro domingo da Quaresma: A tentação de Cristo

"Foi levado Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo." (Mt 4, 1)

Cristo quis ser tentado:

1. Primeiro, para nos dar auxílio contra as tentações. Por isso diz Gregório: "Não era indigno do nosso Redentor querer ser tentado, ele que veio para ser imolado; para que assim vencesse as nossas tentações com as suas, assim como venceu com a sua a nossa morte."

2. Segundo, para nossa cautela: a fim de que ninguém, por santo que seja, se julgue seguro e imune da tentação. Por isso quis ser tentado depois do batismo; porque, como diz Hilário, "as tentações do diabo são mais freqüentes sobretudo contra os santos, porque sobre estes é que ela mais deseja a vitória." Donde o dizer a Escritura (Ecle. 2, 1): "Filho, quando entrares no serviço de Deus, tenha-se firme na justiça e no temor e prepara a tua alma para a tentação."

3. Terceiro, para nos dar o exemplo de como devemos vencer as tentações do diabo. Donde o dizer Agostinho: "Cristo deixou-se tentar pelo diabo, para nos mostrar como venceremos as suas tentações, não somente pelo seu auxílio, mas também pelo seu exemplo."

4. Quarto, para nos excitar à confiança na sua misericórdia. Donde o dizer o Apóstolo (Heb. 4, 15): "Não temos um pontífice que não possa compadecer-se das nossas enfermidades, mas que foi tentado em todas as coisas à nossa semelhança, exceto o pecado".

III, q. XLI, a. 1.

6. Segunda-feira depois do I domingo da Quaresma: Cristo devia ser tentado no deserto

"Jesus estava no deserto quarenta dias e quarenta noites e ali foi tentado por Satanás" (Mc. 1, 13)

I. —Cristo, por vontade própria deixou-se tentar pelo diabo, assim como voluntariamente entregou o corpo à morte; do contrário, o diabo não ousaria aproximar-se dele. Ora, o diabo atenta de preferência os solitários; pois, como diz a Escritura (Ecle. 4, 12), "se alguém prevalecer contra um, dois lhe resistem". Por isso foi Cristo para o deserto, como para o campo da luta, para ser nele tentado pelo diabo. Donde o dizer Ambrósio, que Cristo foi ao deserto deliberadamente, para provocar o diabo. Pois, se este não viesse atacá-lo, i. e., o diabo, Cristo não o teria vencido. Mas, acrescenta ainda outras razões, dizendo que Cristo

assim procedeu misteriosamente para livrar Adão do exílio; pois, este fora precipitado, do paraíso, num deserto. Para nos mostrar, com o seu exemplo, que o diabo inveja os que progridem no bem.

II. — Cristo, indo ao deserto, se expôs à tentação. Crisóstomo diz: "contra os solitários é que o diabo emprega toda a força da sua tentação. Por isso, no princípio tentou a mulher, quando a viu desacompanhada de Adão". Contudo, isso não significa que o homem deva, indiscriminadamente, se deixar expor à tentação.

Há duas espécies de ocasião à tentação. Uma da parte do homem, como quando não evitamos as ocasiões próximas de pecar. Pois, tais ocasiões devemos evitá-las, como foi dito a Lot: "Não pares em parte algum dos arredores de Sodoma" (Gn. 19, 17). A outra espécie de ocasião vem do diabo, sempre invejoso de quem se esforça para ser melhor. E essa ocasião de tentação não devemos evitá-la. Por isso diz Crisóstomo: "Não só Cristo foi levado pelo Espírito ao deserto, mas também todos os filhos de Deus possuidores do Espírito Santo, que não consentem em ficar ociosos, mas são ungidos pelo Espírito Santo a empreender grandes obras; e isso, para o diabo, é estar no deserto, onde não há o pecado que ele se compraz. Também todas as boas obras constituem um deserto, para a carne e para o mundo, porque contrariam as tendências de uma e de outro."

Ora, dar ocasião de tentação ao diabo não é perigoso, porque maior é o auxílio do Espírito Santo, autor das obras perfeitas, do que o ataque do diabo invejoso.

III, q. XLI, a. 2.

7. Terça-feira depois do I domingo da Quaresma: De que modo Cristo sofreu todos os sofrimentos

Os sofrimentos humanos podem ser considerados à dupla luz. Primeiro, quanto à espécie. E então, não devia Cristo sofrer todos os sofrimentos; pois, muitas espécies de sofrimentos são contrárias entre si, tal a combustão pelo fogo e a submersão na água. Mas, agora tratamos dos sofrimentos de proveniência extrínseca; pois, dos sofrimentos procedentes de causas externas, como as doenças do corpo, não devia ele sofrê-los, como dissemos. Mas, quanto ao gênero, sofreu todos os sofrimentos humanos. O que é susceptível de tríplice consideração:

1) Primeiro, quanto aos homens que lhe causaram sofrimentos. Pois, certos sofrimentos lhe foram infligidos pelos gentios e pelos judeus; por homens e por mulheres, como o mostram as criadas acusadoras de Pedro. Também recebeu sofrimentos de príncipes e de seus ministros, e do populacho, conforme a Escritura (Sl. 2, 1): "Por que razão se embraveceram as nações e os povos meditaram coisas vãs? Os reis da terra se

sublevaram e os príncipes se coligaram contra o Senhor e seu Cristo". Sofreu também de seus discípulos e conhecidos: como de Judas, que o traiu e de Pedro, que o negou.

2) Segundo, o mesmo se conclui relativamente àquilo em que o homem pode sofrer. Assim, sofreu nos seus amigos, que o abandonaram; na sua reputação, pelas blasfêmias contra ele proferidas; na sua honra e glória, pelas irrisões e contumélias contra ele assacadas; nos bens, quando das suas próprias vestes foi espoliado; na alma, pela tristeza, pelo tédio e pelo temor; no corpo, pelos ferimentos e flagelações.
3) Terceiro, podemos considerá-lo relativamente aos membros do corpo. Assim, Cristo sofreu, na cabeça, a coroa de pungentes espinhos; nas mãos e nos pés, a pregação dos cravos; na face, bofetadas e cuspe; e em todo o corpo, flagelações. Sofreu também em todos os sentidos do corpo: no tato, quando flagelado e pregado com cravos; no gosto, quando lhe deram de beber fel e vinagre; no olfato, quando suspenso no patíbulo, num lugar fétido pelos cadáveres dos supliciados, chamado Calvário; no ouvido, ferido pelas vociferações dos que o blasfemavam e faziam dele irrisão; na vista, ao ver sua mãe e o discípulo a quem amava, chorando.

Quanto à suficiência, um sofrimento mínimo de Cristo bastava para remir o gênero humano de todos os pecados. Mas, quanto à conveniência, foi suficiente que sofresse todos os gêneros de sofrimentos.

III, q. XLVI, a. 5.

8. Quarta-feira depois do I domingo da Quaresma: A imensidade da dor da Paixão de Cristo

"Atendei e vede se há dor semelhante à minha dor" (Lm. 1, 12)

Cristo, na sua paixão, sofreu verdadeiramente a dor. Tanto a sensível, causada pelos tormentos corpóreos, como a interior, causada pela apreensão do mal, que se chama tristeza. Ora, ambas essas dores foram máximas em Cristo, entre as dores da vida presente. O que se explica por quatro razões.

1. Primeiro, pelas causas da dor. Pois, a dor sensível teve como causa uma lesão corpórea cheia de acerbidade, tanto pela generalidade da paixão, como pelo gênero da mesma. Pois, a morte dos crucificados é acerbíssima, por serem trespassados em lugares nervosos e sobremaneira sensíveis, que são as mãos e os pés. E além disso, o peso mesmo do corpo pendente continuamente aumenta a dor; acrescentando-se ainda a diuturnidade dela, pois os crucificados não morrem logo como os mortos pela espada.

Quanto à dor interna, teve as causas seguintes. Primeiro, todos os pecados do gênero humano, pelos quais satisfazia com os seus sofrimentos; por isso como que os avocou a si

dizendo: “Os clamores dos meus pecados” (Sl. 21, 1). Segundo e especialmente, a culpa dos judeus e dos outros, que lhe infligiram a morte; e sobretudo a dos discípulos, que se escandalizaram com a paixão de Cristo. Terceiro, ainda, a perda da vida do corpo, naturalmente horrível à natureza humana.

2. Segundo, a grandeza da dor pode ser considerada relativamente à sensibilidade do paciente. Assim, o seu corpo tinha a melhor das compleições; pois, fora formado milagrosamente por obra do Espírito Santo. Porque nada é mais perfeito que o produzido por milagre, e por isso, o sentido do tato, que serve para perceber a dor, era em Cristo extremamente delicado. Também a alma, nas suas potências interiores, apreendia com grande eficácia toda as causas da tristeza.

3. Terceiro, a grandeza da dor de Cristo na sua paixão pode ser considerada quanto à pureza da mesma dor. Pois, nos outros pacientes, mitiga-se a tristeza interior e também a dor externa, pela reflexão racional, causando uma certa derivação ou redundância das potências superiores para as inferiores. O que não se deu na paixão de Cristo, pois, a cada uma das potências permitia agir dentro do que lhe era próprio, como diz Damasceno.

4. Quarto, a grandeza da dor de Cristo pode ser considerada quanto ao fato de ser a sua paixão e sua dor assumidas voluntariamente, com o fim de livrar o homem do pecado. Por isso, assumiu uma dor tão grande, que fosse proporcionada à grandeza do fruto dela resultante.

Assim, pois, de todas essas causas simultaneamente consideradas, resulta claro que a dor de Cristo foi a máxima das dores.

III, q. XLVI, a. 6.

9. Quinta feira depois do I domingo da Quaresma: Foi conveniente Cristo ser crucificado entre ladrões

Cristo foi crucificado entre os ladrões, por uma razão se considerarmos a intenção dos judeus, e por outra, considerada a ordem de Deus.

1. Quanto à intenção dos judeus, crucificaram aos lados de Cristo dois ladrões, como adverte Crisóstomo, “para que ele participasse da ignomínia deles. Contudo, àqueles ninguém se refere, ao passo que a cruz de Cristo é honrada em toda parte. Os reis, depondo os seus diademas, assumem a cruz: no meio dos diademas, das armas, da mesa sagrada, em toda a parte do mundo a cruz resplandece”.

Quanto à ordenação de Deus, Cristo foi crucificado entre ladrões, porque, segundo diz Jerônimo, “assim como Cristo foi feito na cruz maldição por nós, assim, foi crucificado como criminoso entre criminosos, para a salvação de todos”.

2. Segundo, como diz Leão Papa, “dois ladrões foram crucificados, um ao lado direito e outro ao lado esquerdo de Cristo, a fim de que nesse espetáculo mesmo do patíbulo se espelhasse aquela separação que ele próprio há de fazer quando vier a julgar os homens”. E Agostinho diz: “Se bem refletires verás, que essa cruz foi um tribunal. O juiz está posto no meio; o que acreditou foi salvo; o outro, que insultou, foi condenado. Por onde se vê o que Cristo fará um dia, dos vivos e dos mortos, colocando aqueles à sua direita e os outros, à esquerda”.

3. Terceiro, segundo Hilário, porque “os dois ladrões crucificados -- um, à direita, o outro à esquerda, mostram que toda a diversidade do gênero humano é chamada a participar do mistério da Paixão de Cristo. Mas como a divisão entre fiéis e infiéis é correspondente aos lados direito e esquerdo, um dos dois, o colocado à direita, foi salvo pela justificação da fé.”

4. Quarto, porque, como diz Beda, “os ladrões crucificados com o Senhor, simbolizam aqueles que, sob a fé e a confissão de Cristo, sofrem a agonia do martírio, ou vivem sob as regras de uma disciplina mais austera. E os que trabalham para a glória eterna são figurados pelo ladrão da direita; ao passo que os de olhos postos na glória humana imitam os atos do ladrão da esquerda”.

III, q. XLVI, a. 11

10. Sexta-feira depois do I domingo da Quaresma: Na festa da lança e dos cravos de Nosso Senhor

“um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água” (Jo 19, 34)

I. — É significativo que a Escritura diga “abriu-lhe”, e não “feriu-lhe”, pois, por este lado, nos foi aberta a porta da vida eterna. “Depois disto olhei, e eis que vi uma porta aberta no céu” (Ap. 4, 1). É esta a porta que figurava aquela, no lado da arca, por onde entraram os animais que haviam de se salvar no dilúvio.

II. — Mas esta porta é causa da salvação. Por isso, diz a Escritura “imediatamente saiu sangue e água”, e é muito miraculoso que, do corpo de um morto, onde o sangue está coagulado, saia sangue.

Isto ocorreu para mostrar-nos que, pela Paixão de Cristo, conseguimos plena ablução de nossos pecados e de nossas máculas.

— De nossos pecados, pelo sangue, que é o preço da nossa redenção, conforme a Escritura, "fostes resgatados da vossa vã maneira de viver recebida dos vossos pais, não a preço de ouro ou de prata, mas pelo precioso sangue de Cristo, como dum cordeiro imaculado e sem contaminação" (1 Pe. 1, 18-19).

— Das nossas máculas, pela água, que é o banho da nossa regeneração, conforme a Escritura, "derramarei sobre vós uma água pura, e vós sereis purificados de todas as vossas imundícies" (Ez 36, 25); "Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para se lavarem as manchas do pecado" (Zc. 13, 1).

E, por isto, estas duas coisas referem-se especialmente aos dois sacramentos: a água ao sacramento do batismo; o sangue, à eucaristia. Ou também, pode-se referir, um e outro, ao sacramento da eucaristia, pois na eucaristia mistura-se a água ao vinho; ainda que não seja a água da substância do sacramento.

Convém ainda esta figura: assim como do lado de Cristo, que dormia na cruz, saiu sangue e água, pelos quais a Igreja é consagrada, assim, do lado de Adão, que dormia, foi formada a mulher, que prefigurava a própria Igreja.

In Joan., XIX

11. Sábado depois do I domingo da Quaresma: A Caridade de Deus na Paixão de Cristo

"Mas Deus manifesta a sua caridade para conosco, porque, quando ainda éramos pecadores, no tempo oportuno, morreu Cristo por nós" (Rm. 5, 8)

I. — Cristo morreu pelos ímpios. E isto é grande, se considerarmos quem é aquele que morreu; também é grande, se considerarmos por quem foi que Cristo morreu. Ora, "é difícil haver quem morra por um justo" (Rm. 5, 7), ou seja, é difícil encontrar quem morra para salvar um homem justo; e até, como diz Isaías: "o justo perece, e não há quem considere sobre isto no seu coração" (57, 1). E por isso, "é difícil haver quem morra por um justo". Pois se alguém, isto é, alguma rara exceção, ousar, pelo zelo da virtude, morrer por um bom homem, será coisa realmente rara; e isso, por ser um feito muito elevado, como diz S. João (15, 13): "Ninguém tem maior amor que o daquele que dá a vida por seus amigos". Porém, morrer por homens ímpios e maus, é algo que jamais ocorre. E por isto devemos, com razão, nos admirar, pois foi isto que Cristo fez.

II. — Se procurarmos saber porque Cristo morreu pelos ímpios, a resposta é que, por sua morte, Deus manifestou sua caridade para conosco, ou seja, sua morte mostra que Ele nos ama infinitamente, porque, “quando ainda éramos pecadores”, Cristo morreu por nós.

E a mesma morte de Cristo mostra a caridade de Deus para conosco, pois entregou seu próprio Filho para que, morrendo, satisfizesse por nós. “Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho Unigênito” (Jo. 3, 16).

E, desse modo, assim como a caridade de Deus Pai para conosco se demonstra por ter nos dado o seu Espírito, assim também se demonstra por ter nos dado o seu Filho.

Quando S. Paulo diz que Deus “manifesta a sua caridade para conosco”, assinala a imensidade do amor divino, pelo fato de ter entregue seu Filho para morrer por nós; e, em seguida, por nossa condição; pois Deus não o fez por causa de nossos méritos, mas “quando ainda éramos pecadores”, como diz S. Paulo na Epístola aos Efésios (2, 4): “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pela sua extrema caridade, com que nos amou, estando nós mortos pelos pecados, convivificou-nos em Cristo”.

In Rom., V.

III. — Nessas coisas, mal se pode crer. Diz a Escritura: “acontecerá uma coisa em vossos dias, que ninguém acreditará, quando for contada.” (Hab 1, 5). Pois que Cristo tenha morrido por nós, é algo de surpreendente, algo que mal se pode conceber. E é isto o que diz o Apóstolo, “faço uma obra em vossos dias, uma obra que vós não crereis, se alguém vo-la contar.” (At 13, 41)

Tamanha é a graça de Deus e seu amor para conosco, que Ele fez por nós mais do que podemos compreender ou conceber.

In Symb.

12. Segundo domingo da Quaresma: Se Deus Pai entregou Cristo à Paixão

“O que não poupou nem o seu próprio Filho, mas por nós todos o entregou” (Rm. 8, 32)

Cristo sofreu voluntariamente, em obediência ao Pai. E de três modos Deus Pai entregou Cristo à paixão:

1º Conforme sua eterna vontade, determinou a paixão de Cristo para a libertação do gênero humano, de acordo com o que diz Isaías: "O Senhor carregou sobre ele a iniqüidade de todos nós" (Is. 53, 6) e "O Senhor quis consumi-lo com sofrimentos" (Is. LIII, 10).
2º Porque lhe inspirou a vontade de sofrer por nós, ao lhe infundir o amor. E na mesma passagem se lê: "Foi oferecido porque ele mesmo quis" (Is. LIII, 7).
3º Por não livrá-lo da paixão, expondo-o a seus perseguidores. Assim, lemos no Evangelho de Mateus que o Senhor, pendente na cruz, dizia: "Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?" (Mt. 27, 46), ou seja, porque o expôs ao poder dos que o perseguem.

É ímpio e cruel entregar à paixão e morte um homem inocente, contra a vontade dele. Não foi assim, porém, que Deus Pai entregou Cristo, mas sim por lhe ter inspirado a vontade de sofrer por nós. Nisso se demonstra tanto a severidade de Deus, que não quis perdoar os pecados sem a pena, o que observa o Apóstolo, quando diz: "O que não poupou nem o seu próprio Filho" (Rm. 8, 32), como a sua bondade, pois, dado que o homem não podia dar uma satisfação suficiente por meio de alguma pena que sofresse, deu-lhe alguém para cumprir essa satisfação. É o que assinala o Apóstolo ao dizer: "Ele o entregou por nós todos" e a Carta aos Romanos diz: "A quem, ou seja, Cristo, que Deus propôs como vítima de propiciação, em virtude de seu sangue" (Rm. 3, 25).

A mesma ação é julgada boa ou má, dependendo das diferentes fontes de que proceda. Assim, foi por amor que o Pai entregou Cristo, e o próprio Cristo se entregou; por isso, ambos são louvados. Judas, porém, o entregou por cobiça. Os judeus, por inveja. E Pilatos, por temor mundano porque temia a César. Por isso, são todos censurados.

III, q. XLVII, a. III

Cristo, porém, não foi devedor da morte por necessidade, mas por caridade para com os homens, por querer a salvação dos homens, e por caridade para com Deus, por querer cumprir a sua vontade, como diz no Evangelho de São Mateus: "Não como eu quero, mas sim como tu queres" (Mt. 26, 39).

II, Dist. 20, q. I, a. V

13. Segunda-feira depois do II domingo da Quaresma: Se foi conveniente que Cristo sofresse da parte dos gentios

"Entregá-lo-ão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado" (Mt. 20, 19)

1. No modo mesmo da paixão de Cristo lhe estava prefigurado o efeito. Assim, o primeiro efeito da morte de Cristo aproveitou aos judeus, muitos dos quais foram batizados na ocasião dessa morte, como se lê na Escritura. Depois, mediante a pregação dos judeus, o efeito da

paixão de Cristo o sentiram os gentios. Por onde, foi conveniente que Cristo começasse a sofrer da parte dos judeus e em seguida, entregue por estes, a sua Paixão se consumasse pelas mãos dos gentios.

2. Cristo, para mostrar a abundância da sua caridade, que o levou a sofrer, pediu do alto da cruz perdão pelos seus perseguidores. Por isso, a fim de os frutos dessa petição chegarem aos judeus e aos gentios, quis Cristo sofrer da parte de uns, como de outros.

3. Os sacrifícios figurados da lei antiga não os ofereciam os gentios, mas os judeus. Ora, a Paixão de Cristo foi a oblação de um sacrifício, pois Cristo sofreu a morte movido da caridade, por vontade própria. Mas o sofrimento que lhe infligiram os perseguidores não foi sacrifício, mas pecado gravíssimo.

4. Como pondera Agostinho, quando os judeus disseram "A nós não nos é permitido matar ninguém", entendiam significar que não lhes era lícito matar ninguém por causa da santidade do dia festivo, que já começavam a celebrar. Ou isso diziam, como ensina Crisóstomo, porque queriam matar a Jesus não como transgressor da lei, mas como inimigo público, por se ter feito rei — do que não lhes competia julgar. Ou porque não lhes era lícito crucificá-lo, como desejavam, mas sim lapidar — o que fizeram com Estevão. Ou, melhor é dizer, que pelos Romanos, a quem estavam sujeitos, era-lhes negado o poder de matar.

III, q. XLVII, a. IV

14. Terça-feira depois do II domingo da Quaresma: A Paixão de Cristo causou a nossa salvação a modo de mérito

I. A Cristo foi dada a graça, não só como a uma pessoa singular, mas enquanto cabeça da Igreja, de modo que dele redundasse para os membros dela. Por isso as obras de Cristo estão para o mesmo e para as suas obras, assim como estão as obras de um homem constituído em graça para com ele próprio. Ora, é manifesto que quem, constituído em graça, sofre pela justiça, por isso mesmo merece para si a salvação, segundo a Escritura: "Bem aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça". Por onde, Cristo, pela sua paixão, mereceu a salvação não somente para si mas também para todos os seus membros. Em verdade, Cristo, desde o princípio da sua concepção, mereceu-nos a salvação eterna. Mas, de nosso lado, certos impedimentos constituíam um obstáculo a conseguirmos o efeito dos méritos precedentes. Por isso, a fim de remover esses impedimentos é que Cristo teve de sofrer.

E ainda que a caridade de Cristo não tenha aumentado mais na Paixão que antes, a Paixão

de Cristo teve certo efeito que não tiveram os méritos precedentes; não por causa de uma caridade maior, mas pelo gênero da obra, que era concordante com esse efeito.

III, q. XLVIII, a. I

Os membros e a cabeça pertencem à mesma pessoa. Assim, uma vez que Cristo foi nossa cabeça pela divindade e plenitude de graça, que redunda para os outros, e que nós somos os seus membros, seu mérito não nos é estranho, mas redunda em nós pela unidade do corpo místico.

III Dist. 18, a. VI.

II. Deve-se saber que, apesar de Cristo ter, por sua morte, merecido suficientemente por todo o gênero humano, cada um deve procurar o remédio para sua própria salvação. A morte do Cristo é como uma causa universal de salvação, como o pecado do primeiro homem foi como uma causa universal de danação. Ora, é preciso que a causa universal seja aplicada a cada um especialmente, para que participe do efeito da causa universal.

Ora, o efeito do pecado dos nossos primeiros pais chega a cada indivíduo pela geração carnal; efeito da morte de Cristo, porém, pela regeneração espiritual, em virtude da qual o homem é, de algum modo, unido e incorporado em Cristo. E, por isso, convém que cada um seja regenerado por Cristo, e que receba tudo por que opera a virtude da morte do Cristo.

15. Quarta-feira depois do II domingo da Quaresma: A Paixão de Cristo causou nossa salvação a modo de satisfação

"Ele é propiciação pelos nossos pecados; e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1 Jo. 2, 2)

I. Propriamente falando, satisfaz pela ofensa quem, ao ofendido, oferece algo que este ame tanto ou mais do que odeia a ofensa. Ora, Cristo, sofrendo por obediência e caridade, ofereceu a Deus um bem maior do que o exigido pela recompensa da ofensa total do gênero humano. Assim, primeiro, pela grandeza da caridade, pela qual sofria. Segundo, pela dignidade de sua vida, que oferecia em satisfação, que era a vida de Deus e do homem. Terceiro, por causa da generalidade da Paixão e da grandeza da dor assumida. Por onde, a Paixão de Cristo foi uma satisfação não só suficiente, mas superabundante pelos pecados do gênero humano, segundo aquilo do Evangelho: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (Mt. 20, 19).

Em verdade, quem peca é que deve dar satisfação; porém, a cabeça e os membros constituem uma como pessoa mística. Por isso, a satisfação de Cristo pertence a todos os

fiéis, como aos seus membros. Assim, também quando dois homens estão unidos pela caridade, um pode satisfazer por outro.

III, q. XLVIII, a. II

II. Ainda que Cristo tenha, com sua morte, satisfeito suficientemente pelo pecado original, não é inconveniente que as penalidades consequentes deste pecado permaneçam ainda naqueles que participam da redenção de Cristo. Com efeito, que a pena continue mesmo após a abolição da culpa, é algo em que se encontra harmonia e utilidade:

1. Para que exista conformidade entre os fiéis e Cristo, como entre os membros e a cabeça. Ora, assim como Cristo suportou muitos sofrimentos até chegar a glória da imortalidade, assim convinha que seus fiéis passassem por sofrimentos até chegarem a imortalidade; trazem em si mesmos as marcas da Paixão de Cristo, por assim dizer, para obter uma glória semelhante a sua.
2. Pois, se os homens que vêm ao Cristo recebessem prontamente a imortalidade e a impassibilidade, muitos homens se aproximariam do Cristo mais por causa destes benefícios corporais que pelos bens espirituais, o que vai contra a intenção de Cristo, que veio ao mundo para levar os homens, do amor das coisas corporais, ao amor das espirituais.
3. Enfim, se os que se aproximam de Cristo se tornassem, instantaneamente, impassíveis e imortais, isto, de certo modo, os compeliria a abraçar a fé de Cristo. O que diminuiria o mérito da fé.

Contr. 4, 55.

16. Quinta-feira depois do II domingo da Quaresma: A Paixão de Cristo se realizou a modo de sacrifício.

I. — Chama-se sacrifício em sentido próprio o que é feito como uma honra propriamente devida a Deus, com o fim de o aplacar. E por isso diz Agostinho: “É verdadeiramente sacrifício toda obra feita com o fim de nos unirmos com Deus numa sociedade santa, isto é, uma obra referida ao fim bom, cuja posse é capaz de nos dar verdadeiramente a felicidade.” Ora, Cristo se ofereceu a si mesmo para sofrer por nós; e o próprio fato de ter padecido voluntariamente a sua Paixão foi sobremaneira aceito de Deus, como proveniente de uma caridade máxima. Por onde é manifesto que a Paixão de Cristo foi um verdadeiro sacrifício.

E como Agostinho acrescenta a seguir, no mesmo livro, “os sacrifícios primitivos dos santos foram sinais variados e múltiplos desse verdadeiro sacrifício. Esse sacrifício único foi simbolizado por numerosos sacrifícios, do mesmo modo que uma mesma realidade é designada por numerosas palavras, a fim de que fosse grandemente recomendado, sem nenhum inútil encarecimento.” Mas, continua Agostinho, “consideramos quatro elementos

num sacrifício: aquele a quem o oferecemos, quem o oferece, o que é oferecido e por quem o é. Assim, o mesmo, só único e verdadeiro mediador, reconciliando-nos com Deus pelo sacrifício da paz, devia permanecer uno com aquele a quem oferecia esse sacrifício, reunir em si, numa unidade, aqueles por quem o oferecia, e ser simultânea e identicamente o oferente e a oferenda”.

II. — É verdade que nos sacrifícios da lei antiga, que eram figura de Cristo, nunca se oferecia carne humana; mas disso não segue que a Paixão não tenha sido um sacrifício. Pois, embora a realidade corresponda à figura de certo modo, não corresponde totalmente, pois a verdade há de necessariamente ultrapassar a figura. Por isso e convenientemente a figura deste sacrifício, pelo qual a carne de Cristo é oferecida por nós, foi a carne, não dos homens, mas de animais irracionais que significavam a carne e Cristo. A carne de Cristo é o perfeitíssimo dos sacrifícios pelas razões seguintes:

1) porque, sendo carne de natureza humana, é convenientemente oferecida pelos homens, que a tomam sob a forma de sacramento.
2) porque, sendo passível e mortal, era apta para a imolação.
3) porque, sendo isenta de pecado, tinha a eficiência para purificar dos pecados.
4) porque, sendo a carne mesma do oferente, era aceita de Deus por causa da caridade com que a oferecia.

Donde o dizer Agostinho: “Que oferenda podiam os homens tomar, que lhes fosse mais adaptada, que uma carne humana? Que de mais apto à imolação do que uma carne mortal? Que haveria de mais puro para delir os vícios dos mortais que uma carne nascida sem o contágio da concupiscência carnal, de um ventre e de um ventre virginal? Que poderia ser oferecido e aceito com mais graça que a carne de nosso sacrifício, tornado o corpo de nosso Sacerdote?”

III, q. XLVIII, a. III

17. Sexta-feira depois do II domingo da Quaresma: O Santo Sudário.

“José, tomando o corpo, envolveu-o num lençol branco. E depositou-o no seu sepulcro novo” (Mt. 27, 59)

I. — Por este sudário designam-se três coisas, em sentido místico:

1. A carne puríssima de Cristo. Feito de linho, que se embranquece com muita pressão, o sudário representa a carne de Cristo, que chega ao alvor da ressurreição pela violência. Conforme o Evangelho: “Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos” (At. 17, 3).
2. A Igreja, que não tenha mancha nem ruga. É o que representa este linho, fiado com diversas linhas.

3. A consciência pura, onde Cristo repousa.

II. — “E depositou-o no seu sepulcro novo” (Mt. 27, 59). O texto diz, de início, que o sepulcro não era seu. E é muito conveniente que aquele que morrera pelos pecados dos outros fosse sepultado em um sepulcro alheio.

O texto diz que o sepulcro era “novo”, pois se outros corpos tivessem sido depositados aí, não se saberia qual tinha ressuscitado. Outra razão é que, àquele que nasceu de uma virgem intacta, convinha ser sepultado num sepulcro novo; assim como no ventre de Maria não houve ninguém antes ou depois dele, assim também neste sepulcro. Do mesmo modo, para significar ainda que Cristo habita pela fé, escondido na alma renovada: “que Cristo habite pela fé nos vossos corações” (Ef. 3, 17)

E S. João acrescenta, “Ora, no lugar em que Jesus foi crucificado, havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo.” (Jo. 19, 41). É digno de nota que Jesus, capturado num jardim, tenha sofrido sua Paixão e sido sepultado num jardim; como que para significar que, pela virtude da sua Paixão, somos libertados do pecado que Adão, no jardim das delícias, cometeu; e que é por Jesus que a Igreja é consagrada, ela, que é como o Jardim fechado, do Cântico.

In Matth., XXVII

18. Sábado depois do II domingo da Quaresma: A Paixão de Cristo obrou nossa salvação a modo de Redenção

Diz a Escritura: “Não por ouro nem por prata, que são coisas corruptíveis, haveis sido resgatados da vossa vã existência, que recebestes de vossos pais; mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e sem contaminação alguma.” (1 Pd. 1, 18). Noutro lugar: “Cristo nos remiu da maldição da lei, feito ele mesmo maldição por nós” (Gl. 3, 13). E dito do Apóstolo “feito maldição por nós” significa que sofreu por nós no madeiro. Logo, pela sua Paixão nos remiu. Pelo pecado o homem estava escravizado de dois modos:

1. Primeiro, pela servidão do pecado; pois, “todo aquele que comete pecado é escravo do pecado” (Jo. 8, 344) e “todo aquele que é vencido é escravo daquele que venceu” (2 Pd. 2, 19). Ora, como o diabo venceu ao homem, induzindo-o ao pecado, o homem foi feito escravo do diabo.
2. Segundo, quanto ao reato da pena pela qual o homem estava ligado, segundo a justiça de Deus. E esta também é uma escravidão; pois é próprio do escravo sofrer o que não quer, ao contrário do homem livre, que pode dispor de si mesmo como quer.

Por onde, sendo a Paixão de Cristo uma satisfação suficiente e superabundante pelo pecado e pelo reato do gênero humano, a sua Paixão foi um como preço, pelo qual fomos livrados de uma e outra escravidão. Assim, a satisfação pela qual satisfazemos por nós ou por outrem

é considerada um preço pelo qual nos remimos do pecado e da pena, segundo a Escritura: “Redime os teus pecados com a esmola” (Dn. 4, 24).

Ora, Cristo satisfez, não certo dando dinheiro nem por qualquer forma semelhante, mas dando-se a ele próprio — bem máximo — por nós. Por isso é que se diz ser a Paixão de Cristo nossa redenção.

O homem, pecando, contraiu uma obrigação tanto para com Deus como para o diabo:

— Pois, pela culpa, ofendeu a Deus e sujeitou-se ao diabo, pelo seu consentimento. E assim, em razão da culpa, não se tornou servo de Deus; mas antes, afastando-se do seu serviço, incorreu na escravidão do diabo, por justa permissão de Deus, por causa da ofensa contra ele cometida.

— Mas, quanto à pena, o homem contraiu principalmente uma obrigação para com Deus, como supremo juiz; e para com o diabo, como seu algoz, segundo aquilo do Evangelho (Mt. 5, 25): “Para que te não suceda que o teu adversário te entregue ao juiz e que o juiz te entregue ao seu ministro”, i. e., ao anjo cruel da pena, como interpreta Crisóstomo. Embora, pois, o diabo retivesse, injustamente e na medida do seu poder, sob o seu jugo o homem enganado pela sua fraude, tanto quanto à culpa como quanto à pena, contudo, era justo que isso o homem o sofresse, por permissão de Deus, quanto à culpa, e pela ordem do mesmo Deus, quanto à pena.

Por onde, relativamente a Deus, a justiça exigia fosse o homem redimido; não porém relativamente ao diabo.

III q. XLVIII, a. IV.

19. Terceiro domingo da Quaresma: Pela Paixão somos liberados do pecado

“Amou-nos e nos lavou dos pecados no seu sangue” (Ap. 1, 5)

A Paixão de Cristo é a causa própria da remissão dos pecados, por três razões:

1. Primeiro, como causa que provoca caridade. Pois, no dizer do Apóstolo, “Deus faz brilhar a sua caridade em nós, porque ainda quando éramos pecadores, em seu tempo morreu Cristo por nós” (Rm. 5, 8). Ora, pela caridade conseguimos o perdão dos pecados, conforme o Evangelho: “Perdoados lhe são seus muitos pecados, porque amou muito” (Lc. 7, 47).

2. Segundo, a Paixão de Cristo causa a remissão dos pecados a modo de redenção. Pois, sendo Cristo a nossa cabeça, pela Paixão que sofreu por obediência e caridade, liberou-nos, como a seus membros, do pecado, como pelo preço da sua Paixão; como no caso de alguém que, por uma obra meritória manual, se resgatasse do pecado que com os pés tivesse cometido. Assim como, pois, o corpo natural é uno, na diversidade dos seus membros, assim a Igreja na sua totalidade, que é o corpo místico de Cristo, é considerada quase uma mesma pessoa com a sua cabeça que é Cristo.

3. Terceiro, o modo de eficiência, enquanto a carne, na qual Cristo sofreu a sua Paixão, é o instrumento da divindade; pelo qual os padecimentos e as ações de Cristo agem com virtude divina, com o fim de delir o pecado.

Cristo, pela sua Paixão nos livrou dos pecados casualmente, i. e., por ter instituído a causa da nossa liberação, em virtude da qual pudesse perdoar num momento dado quaisquer pecados — passados, presentes ou futuros. Tal o médico que preparasse um remédio capaz de curar quaisquer doenças, mesmo futuras.

Mas, sendo a Paixão de Cristo a causa universal antecedente da remissão dos pecados, é necessário aplicá-la a cada um a fim de delir os pecados próprios. O que se dá pelo batismo, pela penitência e pelos outros sacramentos, que tiram a sua virtude da Paixão de Cristo.

Pela fé também nos é aplicada a Paixão de Cristo, a fim de lhe colhermos os frutos, segundo aquilo do Apóstolo: “Ao qual propôs Deus para ser vítima de propiciação pela fé no seu sangue” (Rm. 3, 25). Mas a fé, pela qual nos purificamos do pecado, não é uma fé informe, que pode coexistir com o pecado, mas a fé informada pela caridade. De modo que a Paixão de Cristo nos é aplicada, não só quando ao intelecto, mas também quanto ao afeto. E também deste modo os pecados são perdoados por virtude da Paixão de Cristo.

III q. XLIX, a. I

20. Segunda-feira depois do III domingo da Quaresma: Pela Paixão fomos libertados do poder do diabo

O Senhor disse, na iminência da Paixão: “Agora será lançado fora o príncipe deste mundo, e eu, quando for levantado da terra, todas as coisas atrairei a mim mesmo” (Jo 12, 31). Ora, o Senhor foi levantado da terra pela Paixão da cruz. Logo, por ela o diabo foi privado do seu poder sobre os homens.

Sobre o poder que o diabo exercia sobre os homens, antes da Paixão de Cristo, devemos fazer tríplice consideração:

1. A primeira, relativa ao homem, que pelo seu pecado mereceu ser entregue ao poder do diabo, por cuja tentação fora vencido;
2. A outra, relativa a Deus, a quem o homem ofendera pecando, e que na sua justiça abandonou o homem ao poder do diabo.
3. A terceira é relativa ao diabo, que com sua vontade perversíssima impedia o homem de alcançar a sua salvação.

Assim, pois, no tocante à primeira consideração, o homem foi libertado do poder do diabo pela Paixão de Cristo, porque a Paixão de Cristo é a causa da remissão dos pecados.

Quanto à segunda, a Paixão de Cristo nos livrou do poder do diabo, por nos ter reconciliado com Deus.

No tocante à terceira, a Paixão de Cristo nos liberou do diabo, porque nela o diabo ultrapassou a medida do poder que Deus lhe conferira, maquinando a morte de Cristo, que não merecera morte por não ter nenhum pecado. Donde o dizer Agostinho: "Pela justiça de Cristo foi vencido o diabo, porque apesar de nada ter encontrado nele digno de morte, contudo o matou. E, portanto, era justo que os devedores que detinha em seu poder fossem mandados livres, crentes em Cristo, que o diabo matou, apesar de não ter nenhum débito."

É verdade que o diabo pode, ainda agora, com a permissão de Deus, tentar os homens na alma e vexar-lhes o corpo; contudo, foi-lhe preparado ao homem o remédio da Paixão de Cristo, com o qual pode defender-se contra os ataques do inimigo, a fim de não ser arrastado à perdição da morte eterna. E todo os que, antes da Paixão, resistiam ao diabo, assim o puderam fazer pela fé na Paixão de Cristo. Embora, não estando essa Paixão ainda consumada, de certo modo ninguém pudesse escapar às mãos do diabo, livrando-se assim de descer ao inferno; ao passo que depois da Paixão de Cristo todos podemos nos defender contra o poder diabólico.

Deus permite ao diabo enganar certas pessoas, em certos tempos e lugares, por uma razão oculta dos seus juízos. Mas sempre, pela Paixão de Cristo está preparado aos homens o remédio para se defenderem das perversidades dos demônios, mesmo no tempo do Anticristo. E o fato de certos descuidarem de servir-se desse remédio em nada faz diminuir a eficácia da Paixão de Cristo.

III, q. XLIX, a. II

21. Terça-feira depois do III domingo da Quaresma: Cristo, o verdadeiro Redentor

“fostes regatados pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e sem contaminação” (1 Pd. 1, 19)

Pelo pecado dos nossos primeiros pais, o gênero humano apartou-se de Deus, como explica são Paulo na epístola aos Efésios (cap 2); o homem não se excluiu do poder de Deus, mas da visão da Sua face, a qual são admitidos aos Seus filhos e familiares. Ademais, caíramos sob o poder usurpado do diabo, ao qual, por seu consentimento, o homem se submeteu. O homem entregou-lhe tudo quanto nele era, embora não pudesse dar-se, pois não era mestre de si mesmo e a outro pertencia. A Paixão de Cristo, portanto, teve dois efeitos:

– Livrou-nos do poder do inimigo, venceu-o com meios contrários aos que utilizara o inimigo na sua vitória sobre o homem: a humildade, a obediência e a austeridade da pena, que se opõe ao deleite do fruto proibido.

– Ademais, satisfazendo pela falta dos homens, ela os uniu a Deus e fez deles filhos e familiares de Deus.

Esta liberação tem, pois, um duplo caráter de redenção. Enquanto nos livrou do poder do diabo, Cristo nos redimiu ao modo de um rei que resgata pelo combate um reino ocupado pelo adversário. Enquanto aplacou a Deus em nosso favor, redimiu-nos como se, satisfazendo rigorosamente por nós, pagasse um preço para que fossemos libertados da pena e do pecado.

Ora, o preço do sangue, não foi oferecido ao diabo, mas a Deus, a fim de satisfazer por nós. E ele nos arrancou do diabo pela vitória de sua Paixão.

Se o diabo nos dominou por uma injusta usurpação, termos caído sob seu poder, após termos sido vencidos por ele, foi justo. Por isso era preciso que fosse ele vencido pelos meios contrários àqueles pelos quais o inimigo nos venceu, pois não venceu pela força, mas nos induzindo fraudulentamente ao pecado.

3 dist. 19 q. 1, a. IV

22. Quarta-feira depois do III domingo da Quaresma: O Preço da Nossa Redenção

“fostes comprados por um grande preço” (1 Cor. 6, 20)

A injúria ou sofrimento mede-se pela dignidade do lesado: sofre maior injúria o rei, se esbofeteado, do que sofreria alguma pessoa privada. Ora, a dignidade da pessoa de Cristo é infinita, pois é uma pessoa divina. Portanto, qualquer sofrimento seu, por menor que seja, é infinito. Por consequência, qualquer sofrimento seu seria suficiente para a redenção de todo o gênero humano, mesmo sem sua morte. Diz S. Bernardo que a menor gota de sangue de Cristo bastaria para a redenção do gênero humano. Ora, Cristo poderia ter derramado uma única gota de seu sangue sem morrer, logo, era possível que, mesmo sem morrer, redimisse todo o gênero humano com algum sofrimento seu. Para se efetuar uma compra, duas coisas fazem-se necessárias: o montante do preço e sua destinação para a compra. Se alguém dá um valor inferior ao da coisa que se quer adquirir, não se diz que houve compra, mas que houve compra em parte e doação em parte: por exemplo, se alguém comprar um livro que vale vinte libras com apenas dez, em parte comprou o livro e em parte, o livro lhe foi dado. Do mesmo modo, se desse um valor mais alto, mas não o destinasse à compra do livro, não se poderia dizer que houve compra. Se, portanto, tratamos da redenção do gênero humano quanto ao preço, qualquer sofrimento de Cristo, mesmo sem morte, seria suficiente, pela infinita dignidade da sua pessoa. Se, porém, falamos quanto a destinação do preço, então é preciso dizer que os demais sofrimentos do Cristo não foram destinados por Deus Pai e pelo Cristo para a redenção do gênero humano sem sua morte.

E isto por tríplice razão:

1. Para que o preço da redenção do gênero humano não fosse apenas de valor infinito, mas também do mesmo gênero; isto é, para que fossemos redimidos da morte, pela morte.
2. Para que a morte de Cristo não fosse apenas preço da redenção, mas também exemplo de virtude, para que os homens não temessem morrer pela verdade. E estas duas causas são assinaladas pelo Apóstolo: “a fim de destruir pela sua morte aquele que tinha o império da morte” (Heb. 2, 14), quanto ao primeiro ponto e “para livrar aqueles que, pelo temor da morte, estavam em escravidão toda a vida” (Heb. 2, 15), quanto ao segundo.
3. Para que a morte de Cristo fosse também sacramento de salvação; pois, em virtude da morte de Cristo, morremos para o pecado, para as concupiscências da carne e para o amor próprio. E esta causa está assinalada nas Escrituras: “também Cristo morreu uma vez pelos nossos pecados, ele, justo pelos injustos, para nos oferecer a Deus, sendo efetivamente morto segundo a carne, mas vivificado pelo Espírito” (1 Pd. 3, 18).

E, por isso, o gênero humano não foi redimido sem a morte de Cristo. Mas, permanece verdade que Cristo, que não apenas deu sua vida, mas ainda sofreu tanto quanto se pode sofrer, teria pago um preço suficiente pela redenção do gênero humano, ainda que a menor parcela de sofrimento tivesse sido divinamente destinada a este fim; e isto, por causa da infinita dignidade da pessoa do Cristo.

Quodl. II, q. I, a. II

23. Quinta-feira depois da III semana da Quaresma: A pregação da samaritana

"A mulher, pois, deixou o seu cântaro, e foi à cidade" (Jo. 4, 28)

Após ter sido instruída por Cristo, a samaritana fez trabalho de apóstolo. Três coisas podemos sublinhar de suas palavras e atos.

I - A devoção que sentia e manifestou dos dois modos seguintes:

A. Movida por intensa devoção, a samaritana como que se esqueceu da razão pela qual viera à fonte e abandonou água e cântaro. É o que diz o texto: "a mulher deixou o seu cântaro, e foi à cidade", para anunciar a grandeza de Cristo, sem cuidar das necessidades do corpo. Nisso seguiu o exemplo dos Apóstolos que, após terem tudo deixado para trás, seguiram o Senhor. Ora, o cântaro significa a concupiscência das coisas do século, com o qual do fundo das trevas significado pelo poço, i. e., do trato com as coisas terrenas, os homens extraem os prazeres. Portanto, os que abandonam as concupiscências do século por Deus, abandonam o cântaro.
B. A intensidade de sua devoção manifesta-se ainda pela multidão daqueles a quem anuncia o Cristo, pois não foi a um, nem a dois ou três, mas a toda a cidade. Diz o texto: "...e foi à cidade".

II - A qualidade de sua pregação: "e disse àquela gente: vinde ver um homem...".

A. Ela convida todos a ver o Cristo: "Vinde ver um homem". Ela não diz imediatamente para que viessem ao Cristo, para não dar ocasião a blasfêmia; ao contrário, começa dizendo coisas que eram críveis e patentes, a saber, que era um homem. Ela não diz: crede, e sim: vinde ver, pois sabiam que, se bebessem daquela fonte, vendo-o, experimentariam o mesmo que ela experimentou. Por fim, a samaritana segue o exemplo do verdadeiro pregador, e não chama os homens para si, mas para o Cristo.
B. Oferece uma prova da divindade do Cristo, ao dizer: "que me disse tudo o que eu tenho feito", ou seja, quantos homens tivera a samaritana. Ela não se envergonha de contar aquilo que lhe é motivo de confusão, pois a alma abrasada com o fogo divino não se importa mais com nada terreno, nem com a glória, nem com a vergonha, mas apenas com essa chama que nela queima.

C. Conclui confessando a majestade de Cristo, ao dizer: "será este porventura o Cristo?" Ela não ousou afirmar que era o Cristo, para que não aparentasse ensinar os outros: temia que, irritados, eles se recusassem a ir ao Cristo. Tampouco o silenciou totalmente, mas o propôs sob a forma de pergunta, como se submetesse o seu julgamento ao deles. De fato, este era o meio mais fácil de persuadi-los.

III - O fruto de sua pregação.

"Saíram, pois, da cidade, e foram ter com ele". Por onde se vê que, se quisermos ir ao Cristo, devemos também deixar a cidade, i. e., abandonar o amor da concupiscência carnal. "Saiamos, pois, a ele fora dos arraiais", diz são Paulo (Heb. 13, 13)

In Joan., IV

24. Sexta-feira depois do III domingo da Quaresma: Pela Paixão fomos liberados da pena do pecado

“Ele foi o que tomou sobre si as nossas fraquezas e ele mesmo carregou com as nossas dores” (Is. 53, 4)

Pela Paixão de Cristo fomos liberados do reato da pena de dois modos:

1. Primeiro diretamente; i. e., porque a Paixão de Cristo foi uma satisfação suficiente e superabundante pelos pecados de todo o gênero humano; ora, dada a satisfação suficiente, eliminado fica o reato da pena.
2. De outro modo, indiretamente; i. e., enquanto a Paixão de Cristo é a causa da remissão do pecado, no qual se funda o reato da pena.

Os condenados, contudo, não estão liberados da pena, pois a Paixão de Cristo somente produz o seu efeito naqueles a quem se aplica pela fé, pela caridade e pelos sacramentos da fé. Ora, os condenados ao inferno, que não estão unidos à Paixão de Cristo ao modo que acabamos de referir, não lhe podem colher o efeito.

E apesar de termos sido liberados da pena do pecado, é preciso, no entanto, impor aos penitentes uma pena satisfatória; pois, para se beneficiar do efeito da Paixão de Cristo, é preciso estarmos configurados ao Cristo.

Ora, configuramo-nos sacramentalmente a Ele no batismo, segundo aquilo do Apóstolo (Rm. 6, 4): Fomos sepultados com ele para morrer ao pecado pelo batismo. Por isso aos batizados não se lhes impõe nenhuma pena satisfatória, por estarem totalmente liberados pela satisfação de Cristo. Mas porque Cristo uma só vez morreu pelos nossos pecados, no dizer da Escritura (1 Pd. 3, 18), não pode o homem uma segunda vez se configurar à morte de Cristo pelo sacramento do batismo. E por isso, os que depois do batismo pecam hão de

assemelhar-se com Cristo, padecente por alguma penalidade ou sofrimento, que suportem na sua pessoa. Mas essa penalidade basta, apesar de muito menor que a merecida pelo pecado, por causa da cooperação da satisfação de Cristo.

Mas, se a morte, que é pena do pecado, ainda subsiste, é porque a satisfação do Cristo só tem efeito em nós enquanto fomos incorporados ao Cristo, como os membros à cabeça. Pois é preciso que os membros estejam em conformidade com a cabeça. Por onde, assim como Cristo teve primeiro a graça na alma com a passibilidade do corpo, e chegou pela Paixão à glória da imortalidade, assim também nós, que somos os seus membros, somos pela sua Paixão liberados do reato de qualquer pena. Mas, para isso, devemos primeiro receber na alma o Espírito de adoção de filhos, pelo qual adimos a herança da glória da imortalidade, enquanto ainda temos um corpo passível e mortal. Mas depois assemelhados aos sofrimentos e à morte de Cristo, chegaremos à glória imortal segundo aquilo do Apóstolo (Rm. 8, 17): Se somos filhos somos também herdeiros; herdeiros verdadeiramente de Deus e co-herdeiros de Cristo, se é que todavia nós padecemos com ele para que sejamos também com ele glorificados.

IIIa q. XLIX a. 3

25. Sábado depois do III domingo da Quaresma: Pela Paixão fomos reconciliados com Deus

"Fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho" (Rm. 5, 10)

Pela Paixão de Cristo fomos liberados do reato da pena de dois modos:

I. — A Paixão de Cristo é a causa de nossa reconciliação com Deus, de dois modos.

Primeiro porque remove o pecado pelo qual os homens são constituídos inimigos de Deus, segundo aquilo da Escritura (Sb. 14, 9): Deus igualmente aborreceu ao ímpio e a sua impiedade. E noutro lugar (Sl. 5, 7): Aborreces a todos os que obram a iniquidade. De outro modo, como sacrifício muito aceito de Deus; assim como perdoamos uma ofensa cometida contra nós quando recebemos um serviço que nos é prestado. Donde o dizer a Escritura (1 Rs. 26, 19): Se o Senhor te incita contra mim, receba ele o cheiro do sacrifício. Semelhantemente, o ter Cristo sofrido voluntariamente foi um bem tão grande, que em razão desse bem descoberto em a natureza humana, Deus se aplacou no tocante a qualquer ofensa do gênero humano, contanto que o homem se una com a Paixão de Cristo, segundo a fé e a caridade.

Não se diz que a Paixão de Cristo nos reconciliou com Deus em razão de que de novo nos começasse a amar, pois está na Escritura (Jr 31, 3): Com amor eterno te amei. Mas porque a Paixão de Cristo eliminou a causa do ódio, quer por ter delido o pecado, quer pela compensação de um bem mais aceitável.

IIIa q. XLIX a. 4

II. — Se pensarmos naqueles que O lançaram à morte, a Paixão de Cristo foi verdadeiramente uma causa de indignação. Mas, a caridade de Cristo padecendo foi maior que a iniquidade dos homens. Por isso a Paixão de Cristo é mais eficaz para reconciliar com Deus todo o gênero humano que para provocar sua cólera.

O amor de Deus por nós se revela nos seus efeitos. Dizemos que Deus faz participar de sua bondade aqueles que ama. Ora, a maior e mais completa participação na sua bondade consiste na visão da sua essência, pela qual privamos com Ele como amigos, pois a beatitude consiste nesta serenidade. Assim, pode-se dizer simplesmente que Deus ama a quem admite a esta visão, quer pelo dom real, quer pelo dom da causa — como ocorre com aqueles a quem Deus deu o Espírito Santo como penhor desta visão. Pelo pecado, porém, ao homem foi retirada esta participação na bondade divina, ou seja, a visão de sua essência; e sob este aspecto, diz-se que o homem estava privado do amor de Deus. Ora, após Cristo ter satisfeito por nós pela sua Paixão, e conseguido que fossemos readmitidos à visão de Deus, diz-se que nos reconciliou com Deus.

2 Dist. 19, q. I, a. 5

26. Quarto domingo da Quaresma: Cristo com sua paixão abriu a porta do céu

"Portanto, irmãos, tenham confiança de entrar no Santuário pelo sangue de Cristo" (Hb. 10, 19)

O fechamento de uma porta é um obstáculo que impede a entrada das pessoas. Ora, os homens estavam impedidos de entrar no reino dos céus por causa do pecado, pois, como diz Isaías (25, 8): "Caminho sagrado chamá-lo-ão. O impuro não passará por ele".

E há dois pecados que impedem a entrada do reino dos céus. Um é o pecado de nosso primeiro pai, pecado comum a toda a natureza humana e que fechava ao homem a entrada do reino celeste. Por isso, se lê no livro do Gênesis, que, depois do pecado do primeiro homem, "Deus postou os querubins com uma espada de fogo e versátil, para guardar o

caminho da árvore da vida". O outro é o pecado especial de cada pessoa, cometido pelo ato pessoal de cada homem.

Pela paixão de Cristo somos libertados não só do pecado comum a toda a natureza humana, em relação à culpa e em relação à dívida da pena, uma vez que ele pagou por nós o preço, mas também dos pecados próprios de cada um dos que participam da paixão dele pela fé, pelo amor, e pelos sacramentos da fé. Consequentemente, pela paixão de Cristo foi-nos aberta a porta do reino celeste. E é precisamente isso que nos diz a Carta aos Hebreus (9, 11): "Cristo, sumo sacerdote dos bens vindouros, por seu próprio sangue, entrou uma vez para sempre no santuário e obteve uma libertação definitiva". É o que dá a entender o livro dos Números quando diz que o homicida "ali permanecerá", ou seja, na cidade de refúgio, "até a morte do sumo sacerdote consagrado com o óleo santo" (Nm. 35, 25); depois da morte deste, voltará para sua casa.

Deve-se dizer que os Patriarcas, ao realizarem obras de justiça, mereceram entrar no reino celeste pela fé na paixão de Cristo, segundo o que diz a Carta aos Hebreus (Hb. 11, 33): "Graças à fé, conquistaram reinos, praticaram a justiça"; por ela, cada um deles ficava limpo do pecado, quanto condiz com a purificação da própria pessoa. Contudo a fé ou a justiça de nenhum deles era suficiente para remover o impedimento proveniente da dívida de todas as criaturas humanas. Impedimento que foi removido pelo preço do sangue de Cristo. Por isso, antes da paixão de Cristo, ninguém pudera entrar no reino celeste, ou seja, conseguir a eterna bem-aventurança, que consiste no pleno gozo de Deus.

Cristo, com sua paixão, mereceu-nos a abertura do reino celeste e removeu o impedimento; mas pela ascensão como que nos introduziu na posse do reino celeste. Por isso, se diz que "já subiu, diante deles, aquele que abre o caminho" (Mq. 2, 13).

III, q. XLIX, a. 5

27. Segunda-feira depois do IV domingo da Quaresma: Cristo mereceu, pela sua paixão, ser exaltado

"Ele tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz; para o qual Deus também o exaltou"
(Fl. 2, 8)

O mérito comporta certa igualdade com a justiça. Por isso, diz o Apóstolo que "para aquele que realiza obras, o salário é considerado um débito" (Rm. 4,4). Quando alguém, por sua injusta vontade, atribui a si mais do que se lhe deve, é justo que se diminua também o que se lhe devia, como diz o livro do Êxodo (22): "Quando um homem roubar uma ovelha, devolva". E dizemos que ele o mereceu, porquanto desse modo se pune sua vontade injusta.

Assim também, quando alguém, por uma justa vontade, se priva do que tinha direito de possuir, merece que se lhe dê mais, como salário de sua vontade justa. Por isso, como diz o Evangelho de Lucas, “quem se humilha será exaltado” (Lc. 14, 11).

I. Ora, Cristo, em sua paixão, de quatro modos se humilhou abaixo de sua dignidade:

A. Primeiro, em relação à sua paixão e morte, de que não era devedor.
B. Segundo, em relação ao local, pois seu corpo foi posto num sepulcro, e sua alma, na mansão dos mortos.
C. Terceiro, em relação à confusão e opróbrios que suportou.
D. Quarto, em relação ao fato de ter sido entregue ao poder dos homens, conforme ele mesmo disse a Pilatos: “Não terias poder algum sobre mim se não te houvesse sido dado do alto” (Jo. 19, 11).

II. Por sua paixão, mereceu a exaltação de quatro maneiras:

A. Primeiro, em relação à ressurreição gloriosa. Por isso, diz o salmo (138, 1): “Conheces o meu deitar”, ou seja, a humilhação de minha paixão, “e o meu levantar”.
B. Segundo, em relação à ascensão ao céu. Por isso, diz a Carta aos Efésios: “Desceu primeiro até as partes inferiores da terra. Aquele que desceu é também o que subiu mais alto que todos os céus” (Ef. 4, 9-10).
C. Terceiro, em relação ao assento que teve à direita do Pai e à manifestação de sua divindade, conforme diz Isaías: “Ele será exaltado, elevado, e posto muito alto, da mesma forma que as multidões ficaram horrorizadas a seu respeito assim será sem glória o seu aspecto entre os homens” (52, 13-14). E diz a Carta aos Filipenses (2, 8-10): “Ele se fez obediente até a morte e morte numa cruz. Foi por isso que Deus lhe conferiu o Nome que está acima de todo nome”, ou seja, para que por todos seja considerado como Deus e todos lhe mostrem reverência como a um Deus. E é o que se acrescenta: “A fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra”.
D. Quarto, em relação ao poder judiciário, pois diz o livro de Jó: “Tua causa foi julgada como a de um ímpio. Receberás o juízo e a causa” (Jó 36, 17).

III, q. XLIX, a. 6

28. Terça-feira depois do IV domingo da Quaresma: O exemplo de Cristo crucificado

Nosso Senhor assumiu a natureza humana para reparar a queda do homem. Por isso, foi necessário que Cristo padecesse e vivesse conforme a natureza humana, como remédio à queda do pecado.

Ora, o pecado do homem consistiu em ter o homem se apegado aos bens corporais e se desinteressado dos espirituais. Convinha, pois, ao Filho de Deus, por tudo que fez e sofreu na natureza humana que assumira, mostrar-se de modo tal, que fizesse os homens terem por nada os bens e os reveses do século, abandonarem o apego desordenado e se devotarem aos bens espirituais. Foi por isso que Cristo quis nascer de pais pobres, mas perfeitos em virtude, para nos ensinar a não nos gloriarmos da nobreza da carne, ou da riqueza dos pais.

Ele viveu uma vida pobre, para ensinar o desprezo das riquezas. Viveu sem honrarias, para arrancar os homens da cobiça desordenada delas. Suportou os trabalhos, a sede, a fome, os tormentos corporais, para que os homens, desejosos de prazeres e delícias, não se deixassem desviar do bem da virtude pelas misérias desta vida.

Por fim, era conveniente que o Filho de Deus humanado morresse, a fim de que, por temor da morte, não abandonássemos a via da virtude. E, para que não temêssemos a morte ignominiosa, escolheu a pior das mortes, a morte na Cruz.

Também foi conveniente que o Filho de Deus humanado sofresse a morte, a fim de que, por seu exemplo, fossemos estimulados à virtude, e para que fossem verdadeiras as palavras de são Pedro: Cristo também sofreu por nós, deixando-vos o exemplo, para que sigais as suas pisadas (1 Pd. 2, 21).

Contra Armen. Sarac., VII

Mas, Cristo também sofreu por nós, deixando-vos o exemplo da tribulação, dos ultrajes, da flagelação, da cruz, da morte, para que marchássemos sobre suas pegadas. Se suportarmos por Cristo tribulações e sofrimentos, também reinaremos com ele na eterna beatitude. Diz São Bernardo: “Como são poucos, ó Senhor, os que vos querem seguir, apesar de todos quererem estar convosco e saberem que as beatitudes estarão ao vosso lado até o fim. Ora, todos querem fruir de vós, mas não vos querem imitar; querem reinar, mas não padecer convosco; não vos procuram, mas vos querem encontrar; desejam conseguir, mas não seguir”.

De humanitate Christi, cap. 47

29. Quarta-feira depois do IV domingo da Quaresma: O amigo divino

"Mandaram, pois, suas irmãs dizer a Jesus: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas" (Jo. 11, 3)

Aqui há três coisas que se deve considerar:

1. A primeira é que os amigos de Deus por vezes padecem no corpo. Assim, não é sinal de falta de amizade com Deus o padecermos no corpo. Elifaz errava ao dizer a Jó, Lembra-te: que inocente pereceu jamais? ou quando foram os justos destruídos? (Jó 4, 7), como provam as irmãs de Lázaro: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas. Lemos nos livros dos Provérbios (3, 12): O Senhor castiga aquele a quem ama, como um pai a seu filho querido.
2. A segunda é que elas não dizem: Senhor, vinde, curai-o, mas apenas expõem o seu estado: eis que está enfermo. O que significa que basta exprimir a um amigo as nossas necessidades, sem acrescenta pedido algum; pois um amigo, assim como procura seu próprio bem e combate seus males pessoais, combaterá os males de seu amigo. E isto é sobretudo verdadeiro de quem verdadeiramente ama. Diz o salmo (144, 20): O Senhor guarda todos os que o amam.
3. A terceira é que as duas irmãs, desejando a cura de seu irmão doente, não vêm pessoalmente ao Cristo, como o fizeram o paralítico e o centurião; e isso por causa de sua confiança em Jesus Cristo, em virtude do amor especial e da familiaridade que lhes testemunhará. E talvez estivessem detidas pela dor, como disse São João Crisóstomo, em conformidade com aquilo do Eclesiástico (6, 11): Se o teu amigo perseverar firme, será para ti como um igual, tratará à vontade com os da tua casa.

In Joan, XI

30. Quinta-feira depois do IV domingo da Quaresma: A morte de Lázaro

"Nosso amigo Lázaro dorme" (Jo. 11, 11)

I. Chamamos alguém de "Nosso amigo", por causa dos numerosos benefícios e serviços que nos prestou; é por isso que não devemos faltar-lhe na necessidade. "...Lázaro dorme": essa a razão de precisarmos socorrê-lo. "Aquele que é amigo... torna-se um irmão no tempo da desventura" (Pr. 17, 17). No dizer de santo Agostinho, ele dorme para o Senhor; para os homens, que não o podem ressuscitar, está morto.

A palavra sono pode ser utilizada para significar muitas coisas: o próprio sono natural, as

negligências, o sono da culpa, o repouso da contemplação ou da glória futura e, por vezes, a morte, como diz São Paulo, “não queremos, irmãos, que estais na ignorância acerca dos que dormem, para que não vos entristeçais como os outros, que não têm esperança” (1 Ts. 4, 13).

A morte é chamada de sono por causa da esperança da ressurreição. Por isso costuma-se chamá-la de “repouso” desde o tempo em que Nosso Senhor morreu e ressuscitou: “Deitei-me e adormeci” (Sl. 3, 6).

II. “mas vou despertá-lo”. Com isso, Jesus dá a entender que lhe é tão fácil ressuscitar Lázaro do túmulo quanto despertar alguém da cama. Nada que possa surpreender, pois é Ele quem suscita os mortos e os vivifica. Por isso disse: “Não vos admireis disso, porque virá tempo em que todos os que se encontram nos sepulcros escutarão a voz do Filho de Deus” (Jo. 5, 28).

III. “vamos ter com ele”. Brilha aqui a clemência de Deus, enquanto os homens, em estado de pecado e como mortos, não podem por si mesmos ir até Ele, é Ele quem os atrai, precedendo-lhes misericordiosamente, como aquilo das Escrituras: “Eu amei-te com amor eterno; por isso, mantive o meu favor para contigo” (Jr. 31, 3).

IV. “Chegou, pois, Jesus, e encontrou-o já há quatro dias no sepulcro”. Segundo santo Agostinho, Lázaro, morto há quatro dias, significa o pecador retido pela morte de um pecado quádruplo: o pecado original, o pecado contra a lei natural, o pecado atual contra a lei positiva, o pecado atual contra a lei do Evangelho e da graça.

Ou então, pode-se dizer que o primeiro dia é o pecado do coração, “tirai de diante dos meus olhos a malícia dos vossos pensamentos” (Is. 1, 16); o segundo, o pecado da língua, “nenhuma palavra má saia da vossa boca” (Ef. 4, 19); o terceiro, o pecado das obras, sobre o qual diz Isaías, “cessai de fazer o mal” (Is. 1, 16); o quarto dia é o pecado dos hábitos maus.

De qualquer modo que se exponha o texto, o Senhor cura por vezes os mortos de quatro dias, isto é, os que transgridem a lei do Evangelho e estão presos no hábito do pecado.

In Joan, XI

31. Sexta-feira depois do IV domingo da Quaresma: O Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor

I. — Pelo sangue de Cristo, foi selado o Novo Testamento. “Este cálice é o novo testamento no meu sangue” (1 Cor. 11, 25).

Testamento compreende-se de dois modos:

– A palavra "testamento" é comumente utilizada para significar algum pacto. Assim, Deus fez por duas vezes pactos com o gênero humano. Na primeira vez, prometendo bens temporais e livrando-nos dos males temporais; e este pacto é chamado Antigo Testamento. Na segunda vez, prometendo bens espirituais e livrando-nos dos males contrários; e este pacto é chamado Novo Testamento. Tudo isso conforme as Escrituras: “Estão a chegar os dias, diz o Senhor, em que farei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, diferente da aliança que fiz com seus pais do Egito (...) Eis a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Imprimirei a minha lei no seu íntimo, escrevê-la-ei nos seus corações; serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (Jr. 31, 33).

Os antigos costumavam fundir o sangue de uma vítima para selar um pacto, Moisés tomou sangue e o aspergiu sobre o povo, dizendo: Este é o sangue da aliança que o Senhor firmou convosco. Assim, portanto, o antigo testamento ou pacto foi selado no sangue de touros; o Novo Testamento ou pacto, no sangue de Cristo, vertido em sua Paixão.

– A palavra "testamento" também é utilizada, de modo mais estrito, para significar a disposição de uma herança. Ora, o testamento, nesta acepção, não é recebido senão pela morte; pois, como diz São Paulo: “o testamento só produz seu efeito em caso de morte, não tendo força enquanto vive o testador” (Heb. 9, 17). Deus inicialmente dispusera para uma herança eterna, mas, sob a figura dos bens temporais; o que constitui o Antigo Testamento. Mas, em seguida, fez um Novo Testamento, pelo qual prometeu expressamente a herança eterna; e este Testamento foi selado pelo sangue da morte de Cristo. E é por isso que disse o Senhor: “Este cálice é o Novo Testamento em meu sangue, que será derramado por vós” (Lc. 22, 20); como para dizer: pelo conteúdo deste cálice, celebra-se o Novo Testamento, confirmado pelo sangue de Cristo.

In I Cor, XI

II. — Existem outras utilidades do sangue de Cristo:

A. Purifica-nos de nossos pecados e imundices: “nos amou e nos lavou dos nossos pecados no seu sangue” (Ap. 1, 5).

B. Garante nossa redenção. “nos resgataste para Deus com o teu sangue” (Ap. 5, 9).
C. Pacifica-nos com Deus e os anjos. “pacificando, pelo sangue da sua cruz, tanto as coisas da terra como as coisas do céu” (Cl. 1, 20).
D. Refrigera e inebria os que o tomam. “Bebei dele todos” (Mt. 26, 28). E, noutra parte, “levou-o às alturas da terra... e ele bebeu o mais puro sangue da uva” (Dt. 32, 14).
E. Abriu as portas do céu. “Portanto, Irmãos, tendo nós confiança de entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Cristo” (Heb. 10, 19), i. e., a oração contínua dirigida a Deus em nosso proveito; pois o sangue clama a cada dia por nós, como diz são Paulo: “Vós, porém, aproximastes-vos do monte de Sião e da cidade de Deus vivo... e da aspersão daquele sangue que fala melhor que o de Abel” (Heb. 12, 24). O sangue de Abel clamou por vingança, o de Cristo, por perdão.
F. Libertou os santos do inferno, conforme aquilo das Escrituras: “Quanto a ti, também, por causa do sangue da tua aliança, farei sair os teus cativos da fossa em que não há água” (Zc. 9, 11).

Serm. in Dom. de Passione

32. Sábado depois do IV domingo da Quaresma: O modo mais conveniente para a liberação do gênero humano

Tanto um meio é mais conveniente para conseguir um fim, quanto mais ele faz concorrerem elementos conducentes ao fim. Ora, o ser o homem liberado pela paixão de Cristo foi causa de concorrerem muitos elementos conducentes à salvação do mesmo, além da liberação do pecado.

1. Assim, primeiro, desse modo o homem conhece quanto Deus o ama; o que o excita a amá-lo mais, e nisso consiste a perfeição da salvação humana. Donde o dizer o Apóstolo: “Deus faz brilhar a sua caridade em nós, porque ainda quando éramos pecadores, morreu Cristo por nós” (Rm. 5, 8).

2. Segundo, porque por esse meio nos deu o exemplo da obediência, da humildade, da constância, da justiça e das demais virtudes, reveladas na paixão de Cristo e que são necessárias à salvação humana. Por isso diz a Escritura (1 Pd. 2, 21): “Cristo padeceu por nós, deixando-vos exemplo para que sigais as suas pisadas”.

3. Terceiro, porque Cristo, com sua paixão, não somente liberou o homem do pecado, mas ainda lhe mereceu a graça justificante e a glória da beatitude.

4. Quarto, porque, assim, uma necessidade maior impôs ao homem conservar-se imune do

pecado, segundo aquilo do Apóstolo (1 Cor. 6, 20): “Porque vós fostes comprado por um grande preço; glorificai, pois, e trazei a Deus no vosso corpo”.

5. Quinto, porque contribuiu para maior dignidade do homem, de modo que assim como fora vencido e enganado pelo diabo, assim também fosse ele mesmo quem vencesse o diabo; e assim como o homem mereceu a morte, assim também, morrendo, a vencesse a ela, conforme o dizer do Apóstolo (1 Cor. 15, 57): “Graças a Deus, que nos deu a vitória, por Jesus Cristo”.

Por isso foi mais conveniente que, pela paixão de Cristo fossemos liberados, do que pela só vontade de Deus.

IIIa q. XLVI, a. 3

33. Primeiro domingo da Paixão: A Paixão de Cristo

“E como Moisés levantou no deserto a serpente, assim também importa que seja levantado o Filho do homem, a fim de que todo o que crê nele tenha a vida eterna” (Jo. 3, 14-15)

Aqui há três coisas que devemos considerar:

1. A figura da Paixão: “E como Moisés levantou no deserto a serpente”. Ao povo judeu, que dizia: “a nossa alma está enfastiada deste alimento levíssimo” (Nm. 21, 5), Deus, para lhes castigar, enviou serpentes. Em seguida, ordenou que fizessem uma serpente de bronze como remédio contra as serpentes e em figura da Paixão. É próprio da serpente possuir veneno, mas a serpente de bronze não era venenosa. Do mesmo modo, Cristo não tinha pecado, que é um veneno, mas assemelhou-se ao pecador, conforme esta palavra de são Paulo: “enviou Deus seu Filho em carne semelhante à do pecado” (Rm. 8, 3). Por isso, Cristo produziu o efeito da serpente de bronze contra o ímpeto das concupiscências abrasadas.
2. O modo da Paixão: “importa que seja levantado o Filho do homem”, o que se compreende do levantamento da cruz. Cristo quis morrer levantado:

    a. Para purificar o céu. Pela santidade da sua vida, purificara já a terra, restava purificar o ar.
    b. Para triunfar sobre o demônio, que prepara a guerra nos ares.
    c. Para atrair nossos corações a si: “Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (Jo. 12, 32). Ao morrer na Cruz, foi exaltado, pois triunfou de seus inimigos, a ponto de sua morte ser chamada exaltação. Diz o Salmo: “Beberá da torrente no caminho, por isso levantará a sua cabeça” (Sl. 109). E foi a cruz a

causa de sua exaltação, como diz são Paulo: “Humilhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso também Deus o exaltou” (Fl. 2, 8).

3. O fruto da Paixão. O fruto é a vida eterna. Por isso diz: a fim de que todo o que crê nele, e faça boas obras, não pereça, mas tenha a vida eterna". Este fruto corresponde ao fruto figurado da serpente de bronze. Com efeito, quem se voltasse para ela, curava-se do veneno e salvava sua vida. Volta-se para o Filho do Homem exaltado na cruz quem crê em Cristo crucificado e, assim, curando-se do veneno e do pecado, conserva-se para a vida eterna.

In Joan, III

34. Segunda-feira depois do I domingo da Paixão: A Paixão de Cristo é remédio contra todos os pecados

A todos os males que contraímos pelo pecado, encontramos remédio na Paixão de Cristo. Contraímos pelo pecado cinco males:

O primeiro, é a própria mancha do pecado. Quando um homem peca, conspurca a sua alma, porque, como a virtude embeleza, o pecado a enfeia. Lê-se em Baruch: “Por que estás, ó Israel, na terra dos inimigos, e te contaminaste com os mortos?” (Br. 3, 10).

Mas a Paixão de Cristo lavou esta mancha. Cristo, na sua Paixão, fez do seu sangue um banho para nele lavar os pecadores: “Lava-os do pecado no sangue” (Ap. 1, 5). No Batismo a alma é lavada no Sangue de Cristo, por que este recebe do Sangue de Cristo a força regeneradora. Por isso, quando alguém batizado se macula pelo pecado, faz uma injúria a Cristo e o seu pecado é maior que o cometido antes do batismo. Lê-se na Carta aos Hebreus: “O que desprezou a lei de Moisés, após ouvido o testemunho de dois ou três, deve morrer” (Heb. 10, 28-29). Como não deve merecer maiores suplícios, aquele que pisou no Sangue do Filho de Deus e considerou impuro o Sangue da Aliança?

O segundo mal que contraímos pelo pecado é nos tornarmos objeto da aversão de Deus. Assim como quem é carnal ama a beleza da carne, do mesmo modo Deus ama a beleza espiritual, que é a beleza da alma. Quando, por conseguinte, a alma se deixa contaminar pelo mal do pecado, Deus fica ofendido e odeia o pecador. Lê-se no Livro da Sabedoria: "Deus odeia o ímpio e a sua impiedade" (Sb 14, 9). Mas a Paixão de Cristo remove essas coisas, por que ela satisfez ao Pai ofendido pelo pecado, cuja satisfação não poderia vir do homem. A caridade e a obediência de Cristo foram maiores que o pecado e a desobediência do primeiro homem.

O terceiro mal é a fraqueza. O homem, pecando pela primeira vez, pensa que depois pode abster-se do pecado. Acontece, porém, o contrário: debilita-se pelo primeiro pecado e fica inclinado a pecar mais. O pecado vai dominando cada vez mais o homem, e este, por si mesmo, coloca-se em tal estado que não pode mais se levantar. É como alguém que se lançou num poço. Só pode sair dele pela força divina. Depois que o homem pecou, a nossa natureza ficou debilitada, corrompida, e, por isso mesmo, ficou ele mais inclinado para o pecado.

Mas Cristo diminuiu essa fraqueza e debilidade, bem que não as tenha totalmente apagado.

O homem foi fortalecido pela Paixão de Cristo e o pecado, enfraquecido, de sorte que este não mais o dominará. Pode, por esse motivo, auxiliado pela graça divina, que é conferida pelos sacramentos cuja eficácia recebem da Paixão de Cristo, esforçar-se para sair do pecado. Lê-se em S. Paulo: "O nosso velho homem foi crucificado juntamente com Ele, para que fosse destruído o corpo do pecado" (Rm. 6, 6). Antes da Paixão de Cristo, poucos havia sem pecado mortal. Mas, depois dela, muitos viveram e vivem sem pecado mortal.

O quarto mal é a obrigação que temos de cumprir a pena do pecado. A justiça de Deus exige que o pecado seja punido, e a pena é medida pela culpa. Como a culpa do pecado é infinita, porque ela vai contra o bem infinito, Deus, cujo mandamento o pecador desprezou, também a pena devida ao pecado mortal é infinita.

Mas Cristo pela sua Paixão livrou-nos dessa pena, assumindo-a Ele próprio. Confirma-o S. Pedro: "Os nossos pecados (i. e., a pena do pecado) Ele carregou no seu corpo" (1 Pd. 2, 24).

Foi de tal modo exuberante a virtude da Paixão de Cristo, que ela só foi suficiente para expirar todos os pecados de todos os homens, mesmo que fossem em número de milhões. Eis o motivo pelo qual aquele que foi batizado, foi também purificado de todos os pecados. É também por este motivo que os sacerdotes perdoam os pecados. Do mesmo modo, aquele cujo sofrimento mais se assemelha ao da Paixão de Cristo, consegue um maior perdão e merece maiores graças.

O quinto mal contraído pelo pecado foi nos termos tornados exilados do reino do céu. É natural que aqueles que ofendem o rei sejam obrigados a sair da pátria. O homem foi afastado do paraíso por causa do pecado: Adão imediatamente após o pecado foi expulso do paraíso, e sua porta lhe foi trancada. Mas Cristo, pela sua Paixão, abriu aquela porta e novamente chamou os exilados para o reino. Quando foi aberto o lado de Cristo, foi também a porta do paraíso aberta; quando o seu Sangue foi derramado, a mancha foi apagada, Deus foi aplacado, a fraqueza foi afastada, a pena foi expiada, e os exilados foram convocados para

o reino. Por isso é que foi logo dito ao ladrão: “Estarás hoje comigo no Paraíso” (Lc. 23, 43). Observe-se que nesse momento não foi dito — outrora; que também não foi dito a outrem — nem a Adão, nem a Abraão, nem a David; foi dito, hoje, isto é, logo que a porta foi aberta, e o ladrão pediu e recebeu perdão. Lê-se na carta aos Hebreus: “Confiantes na entrada no santuário pelo Sangue de Cristo” (Heb. 10, 19). Fica assim esclarecido como a Paixão de Cristo foi útil, enquanto remédio contra o pecado.

In Symb.

35. Terça-feira depois do I domingo da Paixão: O Sepulcro de Cristo

“Porque molestais esta mulher? Ela fez-me verdadeiramente uma boa obra... derramando ela este bálsamo sobre o meu corpo, fê-lo como para me sepultar” (Mt. 26, 10-12)

Era conveniente que Cristo fosse sepultado.

1. Primeiro, para comprovar a verdade da sua morte; pois, ninguém é posto num sepulcro senão quando consta que está verdadeiramente morto. Por isso no Evangelho (Mc. 15, 44-45), se lê que Pilatos, antes de permitir que Cristo fosse sepultado, procurou saber por uma inquisição diligente, se estava morto.

2. Segundo, porque tendo ressurgido do sepulcro, deu a esperança de ressurgir, por meio dele, aos que estão sepultos, segundo aquilo do Evangelho (Jo. 5, 28): “Todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus”.

3. Terceiro, para exemplo dos que, pela morte de Cristo, morreram espiritualmente aos pecados, conforme aquilo da Escritura (Sl. 30, 21): “Estão escondidos contra a turbação dos homens”. Por isso diz o Apóstolo (Cl. 3, 3): “Já estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”. E assim também os batizados, que pela morte de Cristo morreram aos pecados, são como consepultos com Cristo, pela imersão, segundo o Apóstolo (Rm. 6, 4): “Nós fomos sepultados com Cristo para morrer pelo batismo”.

Assim como a morte de Cristo obrou eficientemente a nossa salvação, também a sua sepultura. Por isso diz Jerônimo: Ressurgimos pela sepultura de Cristo. E aquilo da Escritura (Is. 53, 9): “E dará os ímpios pela sepultura”, diz a Glosa: i. e., as gentes, que não tinham a piedade, da-los-á a Deus Padre, porque os ganhou pela sua morte.

De Cristo diz a Escritura (Sl. 87, 6): “Chegou a ser homem como sem socorro, livre entre os

mortos”. Ora, Nosso Senhor mostrou que mesmo sepulto entre os mortos era livre, pelo fato da inclusão do sepulcro não ter podido impedi-lo de sair dele pela ressurreição.

IIIa q. LI a. 1

36. Quarta-feira depois do I domingo da Paixão: O Sepulcro Espiritual

A contemplação das coisas celestes é representada pelo sepulcro. Por isso, sobre a passagem das Escrituras (Jó 3, 22): “e ficam transportados de alegria, quando encontram o sepulcro?”, comenta são Gregório: na contemplação das coisas divinas, a alma, morta para o mundo, esconde-se como um corpo na sepultura e, longe de toda inquietação do século, repousa por três dias como que por uma tripla imersão. Os atribulados e vexados pelos insultos dos homens, ao entrar em espírito na presença de Deus, não mais se sentem atribulados, conforme aquilo do salmista (Sl. 30, 21): “Sob a proteção do teu rosto os defendes das conjuras dos homens”. Três coisas são necessárias para este sepulcro espiritual em Deus: que a alma pratique as virtudes, torne-se toda pura e branca e morra radicalmente para o mundo. Todas estas condições se encontram misticamente presentes na sepultura de Cristo.

1. A primeira encontramos em São Marcos (14, 8), no lugar em que se diz que Maria Madalena embalsamou com antecipação a sepultura de Jesus: o balsamo precioso de nardo significa as virtudes que possuem grande preço. Nada nesta vida é mais precioso que as virtudes. Por isso, a alma santa que quer ser embalsamada na divina contemplação, deve antes de mais nada receber o balsamo pelo exercício das virtudes. Assim dizia Jó (5, 26): “Entrarás, na maturidade, no sepulcro...” —a que acrescenta a Glosa: da divina contemplação — “...como um feixe de trigo colhido a seu tempo” — novamente a Glosa: porque o tempo da ação tem por recompensa a eterna contemplação; e é preciso que o perfeito exercite antes sua alma nas virtudes para guardá-la em seguida no celeiro do repouso.

2. A segunda encontramos também em São Marcos (15, 40), no lugar em que se diz que José comprou um sudário, pois o sudário é uma peça de linho, e o linho só se embranquece com muito trabalho. Daí vêm o simbolizar a candura da alma, à qual só conquistamos com muito trabalho. Lê-se no Apocalipse (22, 11), “aquele que é justo justifique-se mais; aquele que é santo, santifique-se mais”. São Paulo dizia aos Romanos (6, 4): "Nós fomos, pois, sepultados com ele, a fim de morrer pelo batismo, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim nós vivamos uma vida nova", progredindo do bem ao melhor, pela justiça da fé, na esperança da glória. Assim, devem os homens guardarem-se no sepulcro da divina contemplação pelo candor da pureza interior. Por isso, sobre aquilo da Escritura (Mt. 5, 8): “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”, disse São Jerônimo: o Senhor, que é puro, é visto pelo coração puro.

3. A terceira encontramos em São João (19, 39), quando diz "Nicodemos, o que tinha ido primeiramente de noite ter com Jesus, foi também, levando uma composição de quase cem libras de mirra e de aloés". As cem libras de mirra e de aloés, pelas quais o corpo morto conserva-se sem se corromper, significam a mortificação perfeita dos sentidos exteriores, pela qual a alma, morta para o mundo, conserva-se sem se corromper pelos vícios; segundo esta palavra de são Paulo (2 Cor. 4, 16): "embora se destrua em nós o homem exterior, todavia o homem interior vai-se renovando de dia para dia", ou seja, torna-se cada vez mais puro de vícios pelo fogo da tribulação.

Por isso, a alma do homem deve, antes de mais nada, morrer para este mundo com Cristo e, sem seguido, ser sepultada com ele, no segredo da contemplação. São Paulo o dizia aos Colossenses (3, 3): "estais mortos para as coisas terrenas e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus".

De Humanitate Christi, cap. XLII

37. Quinta-feira depois do I domingo da Paixão: O Sinal maior do amor de Cristo

Aparentemente, a maior prova do amor de Cristo por nós foi o ter dado seu corpo como alimento, e não o ter sofrido por nós, pois a caridade da Pátria é mais perfeita que a caridade da Via. Ora, este benefício com que Deus nos agraciou, ao nos dar seu corpo como alimento, é mais similar à caridade da Pátria, onde gozaremos plenamente de Deus, enquanto a Paixão a que Cristo se submeteu mais se assemelha à caridade da Via, onde nos expomos a morrer por Cristo. Assim, pois, a maior prova de amor de Cristo seria o ter nos dado seu corpo como alimento, e não o ter sofrido por nós. Contudo, lemos no Evangelho (Jo. 15, 13): "Não há maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos".

Solução: No que diz respeito ao amor humano, nada ultrapassa o amor com que nos amamos a nós mesmos, por isso este amor é a medida de todo amor que sentimos pelos demais. Ora, o característico do amor com que nos amamos a nós mesmos, é o querer o bem a nós mesmos. Portanto, o amor ao próximo será tanto mais evidente quanto mais preterirmos em seu proveito o bem que desejamos para nós, como aquilo das Escrituras (Pr. 12, 26): "Aquele que por amor do seu amigo não repara em sofrer alguma perda, é justo".

Ora, o homem quer para si mesmo um triplo bem particular: sua alma, seu corpo, os bens exteriores.

Suportar algum prejuízo nos bens exteriores por causa de outrem é sinal de amor. Sofrer corporalmente por outrem, em trabalhos ou agressões, é sinal ainda maior de amor. Contudo, abandonar sua alma e morrer pelo amigo, eis o sinal máximo de amor.

Assim, ao sofrer e morrer por nós, Cristo nos deu a maior prova de seu amor. Ao nos dar seu próprio corpo como alimento, o fez sem nenhum detrimento próprio. A Paixão é a maior prova do amor de Deus. Por isso a Eucaristia é memorial e figura da Paixão de Cristo. Ora, a verdade se superpõe à figura e a realidade, ao memorial.

A produção do corpo de Cristo no Santo Sacramento é figura do amor com que Deus nos ama na Pátria; mas a Paixão de Cristo pertence ao amor mesmo de Deus, que nos tirou da perdição para nos levar a si. O amor de Deus não é maior no céu que no presente.

Quodl. V, q. III, a. II.

38. Sexta-feira depois do I domingo da Paixão: A compaixão de Nossa Senhora

"E uma espada trespassará a tua alma" (Lc. 2, 35)

Estas palavras assinalam a grande compaixão de Nossa Senhora pelo Cristo.

Quatro coisas tornaram a Paixão de Cristo sobretudo amargas à mãe de Cristo:

1. A bondade de seu Filho: "ele não cometeu pecado, nem se encontrou engano na sua boca" (1 Pd. 2, 22);
2. A crueldade dos verdugos, que se evidencia ao terem se recusado a dar-lhe água na sua agonia e impedido que lho desse sua mãe, que diligentemente daria.
3. A ignomínia do suplício. "Condenemo-lo a uma morte infame", diz o livro da Sabedoria (2, 20).
4. A atrocidade dos tormentos: "Ó vós todos que passais pelo caminho, atendei e vede se há dor semelhante à dor que me atormenta" (Lm. 1, 12).

Serm.

Quanto às palavras do velho Simeão: "uma espada trespassará a tua alma", Orígenes e outros doutores as aplicam à dor sofrida por Cristo na Paixão.

Quanto a Ambrósio, pela espada entende significar a prudência de Maria, não ignorante do mistério celeste. Pois, vivo é o verbo de Deus, válido e mais agudo que toda espada de dois

gumes.

Outros, porém, entendem por isso a espada da dúvida, não devendo, porém, entender-se por esta uma dúvida culpável contra a fé, mas a da admiração e da discussão. Assim diz Basílio: a Santa Virgem, aos pés da cruz e presenciando tudo o que se passou, depois mesmo do testemunho de Gabriel, depois do inefável conhecimento da divina concepção, depois da ingente realização dos milagres, flutuava na sua alma, vendo, de um lado, as humilhações que sofria seu Filho e, de outro, as maravilhas que realizava.

IIIa q. XXVII, a. IV, 2um

Mesmo sabendo pela fé que Deus queria que Cristo sofresse, e ainda que conformasse sua vontade à vontade divina quanto à coisa desejada, como fazem os perfeitos, a Virgem Maria se entristecia pela morte de Cristo, enquanto sua vontade inferior repugnava esta coisa particularmente desejada; e isto não é contrário à perfeição.

1 Dist. 48, q. única, a. III

39. Sábado depois do I domingo da Paixão: De que modo devemos lavar os pés uns dos outros?

"Se eu, pois, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros" (Jo. 13, 14)

Nosso Senhor quer que seu exemplo seja imitado pelos discípulos. Ele diz: "Se eu", que sou maior que vós, pois sou Senhor e Mestre, "vos lavei os pés, também vós", por muito maior razão, pois sois discípulos e servos, "deveis lavar os pés uns aos outros". Noutra parte, lemos (Mt. 20, 26): "todo o que quiser ser entre vós o maior, seja vosso servo... assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir".

Segundo Agostinho, todo homem deve lavar os pés aos outros já corporalmente, já espiritualmente. É muito melhor e sem dúvida mais verdadeiro lavar os pés realmente; que os cristãos não desdenhem fazer o que o próprio Cristo fez: quando o corpo se inclina para os pés de um irmão, o sentimento de benevolência se ascende em seu coração. E se já se possuía este sentimento, ele é confirmado. Porém, se não lavamos realmente os pés uns aos outros, façamo-lo ao menos no coração. Ora, pelo lava-pés devemos entender a limpeza das faltas. Assim, portanto, lavemos espiritualmente os pés de nossos irmãos e, de todo coração, lavemos suas manchas.

Ora, isto se faz de três modos:

1. Perdoando suas ofensas, segundo aquilo do Apóstolo (Cl. 3, 13): “se algum tem razão de queixa contra o outros: assim como o Senhor vos perdoou a vós, assim também vós deveis perdoar aos outros”.
2. Rezando pelos seus pecados: “orai uns pelos outros, para serdes salvos” (Tg. 5, 16).
3. O terceiro modo diz respeito aos prelados, que devem lavar os pés perdoando os pecados com a autoridade das chaves, conforme o Evangelho (Jo. 20, 22): “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados”.

Podemos ainda dizer que, pelo lava-pés, o Senhor nos mostra todas as obras de misericórdia. Pois, quem dá o pão a quem tem fome, lava-lhe os pés; do mesmo modo, quem acolhe os viajantes, veste os nus e assim por diante, “tomando parte nas necessidades dos santos” (Rm. 12, 13).

In Joan., XIII.

40. Domingo de Ramos: Utilidade da Paixão de Cristo como exemplo

Como disse S. Agostinho: “A Paixão de Cristo é suficiente para ser modelo de toda a nossa vida”. Quem quer que queira ser perfeito na vida, nada mais é necessário fazer senão desprezar o que Cristo desprezou na cruz, e desejar o que nela Ele desejou. Nenhum exemplo de virtude deixa de estar presente na cruz.

Se nelas buscas um exemplo de caridade, “ninguém tem maior caridade do que aquele que dá sua vida pelos amigos” (Jo. 15, 13). Ora, foi o que Cristo fez na cruz. Por isso, já que Cristo entregou a sua vida por nós, não nos deve ser pesado suportar toda espécie de males por amor a Ele. “O que retribuirei ao Senhor, por todas as coisas que Ele me deu?” (Ps. 115, 12).

Se procuras na cruz um exemplo de paciência, nela encontrarás uma imensa paciência. A paciência manifesta-se extraordinária de dois modos: ou quando alguém suporta grandes males pacientemente, ou quando suporta aquilo que poderia ser evitado e não quis evitar. Cristo na cruz suportou grandes sofrimentos: “Ó vós todos que passais pelo caminho parai e vede se há dor igual à minha!” (Lm. 1, 17), e os suportou pacientemente, “como a ovelha levada para o matadouro e como o cordeiro silencioso na tosquia” (1 Pd. 2, 23). Cristo na cruz suportou também os males que poderia ter evitado, mas não os evitou: “Julgais que não posso rogar a meu Pai e que Ele logo não me envie mais que doze legiões de Anjos?” (Mt. 26, 53). Realmente, a paciência de Cristo na cruz foi imensa! “Corramos com paciência para o combate que nos espera, com os olhos fitos em Jesus, o autor da nossa fé, que a levará ao termo: Ele que, lhe tendo sido oferecida a alegria, suportou a cruz sem levar em consideração a sua humilhação” (Heb. 36, 17).

Se desejares ver na cruz um exemplo de humildade, basta-te olhar para o crucifixo. Deus quis ser julgado sob Pôncio Pilatos e morrer: “A vossa causa, Senhor, foi julgada como a de um ímpio” (Jo. 36, 17). Sim, de um ímpio, porque disseram: “Condenemo-lo a uma morte muito vergonhosa” (Sb. 2, 20). O Senhor quis morrer pelo seu servo, e Aquele que dá a vida aos Anjos, pelo homem: “Fez-se obediente até à morte” (Fl. 2, 8)

Se queres na cruz um exemplo de obediência, segue Àquele que se fez obediente ao pai, até à morte: “Assim como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores; também pela obediência de um só homem, muitos se tornaram justos” (Rm. 5, 19).

Se na cruz estás procurando um exemplo de desprezo das coisas terrenas, segue Àquele que é o Rei e o Senhor dos Senhores no qual estão os tesouros da sabedoria, mas que na cruz aparece nu, ridicularizado, escarrado, flagelado, coroado de espinhos, na sede saciado com fel e vinagre e morto. Não deves te apegar às vestes e às riquezas, “porque dividiram entre si as minhas vestes” (Sl. 29, 19); nem às honras, porque “Eu suportei as zombarias e os açoites”; nem às dignidades, porque “puseram em minha cabeça uma coroa de espinhos que trançaram”; nem às delícias, porque “na minha sede deram-me vinagre para beber” (Sl. 68, 22).

In Symb.

41. Segunda-feira santa: Necessidade de uma perfeita purificação

I. — “Se eu não os lavar, não terás parte comigo”. Ninguém pode ser co-herdeiro de Cristo e participar da herança eterna sem se purificar espiritualmente, como está dito nas Escrituras: (Ap. 21, 27), “não entrará nela coisa alguma contaminada” e “quem estará no seu lugar santo? O inocente de mãos e limpo de coração” (Sl. 23, 3-4). É como se Nosso Senhor dissesse: Se eu não os lavar, não estarás puro, e se não estiveres puro, não terás parte comigo.

II. — “Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça”. Conturbado, Pedro oferece-se todo para a ablução, cheio de amor e temor. Como se lê no Itinerário de S. Clemente, Pedro estava a tal ponto ligado à presença corporal de Cristo, que com tanto fervor amava, que, após a Ascensão, ao lembrar-se da doçura extrema da sua presença e da santidade de sua vida, arrebentava em lágrimas, ao ponto de suas pálpebras parecerem queimadas.

Todo homem possui três coisas: a cabeça, no topo; os pés, embaixo; as mãos, no meio. Do mesmo modo, o homem interior, ou a alma: a cabeça é a razão superior, pela qual o homem adere a Deus; as mãos são a razão inferior, com a qual o homem se dedica à vida ativa; os pés são a sensualidade. O Senhor, porém, sabia que os discípulos estavam puros quanto à cabeça, pois estavam unidos a Deus pela fé e caridade; puros também quanto às mãos, pois suas obras eram santas. Quanto aos pés, tinham alguns apegos terrestres, por sensualidade.

Pedro, porém, temendo a ameaça de Cristo, consente, não apenas na ablução dos pés, mas ainda das mãos e da cabeça: "Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça". É como se dissesse: ignoro se estão sujas minhas mãos e cabeça; de nada me sinto culpado, mas nem por isso me dou por justificado (1 Cor. 4, 4). Por isso, estou pronto para purificar não somente os meus pés, i. e., dos apegos inferiores, mas também as mãos, i. e., as obras e a cabeça, i. e., a razão superior.

III. — Jesus lhe diz: Aquele que se lavou não tem necessidade de lavar senão os pés, pois todo ele está limpo. Diz Orígenes que eles estavam limpos, mas que ainda precisavam de uma purificação maior, pois a razão deve sempre aspirar aos dons mais perfeitos, subir ao cume das virtudes e resplender com o alvor da justiça. "aquele que é santo, santifique-se mais" (Ap. 22, 11).

In Joan., XIII

42. Terça-feira santa: Preparação de Cristo ao Lava-Pés

"levantou-se da ceia e depôs o seu manto, e, pegando numa toalha, cingiu-se com ela" (Jo. 13, 4)

I. — Cristo mostra-se servidor, abraçando uma tarefa humilde, conforme aquilo do Evangelho (Mt. 20, 28): "o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir". Três coisas fazem o bom servidor:

1. Que seja circunspeto, para enxergar tudo o que seu serviço demanda. Isso certamente não se daria se o servidor estivesse sentado ou deitado. A atitude própria do servidor é a de permanecer de pé, por isso Cristo "levantou-se da ceia". "Qual é o maior, o que está à mesa, ou o que serve?" (Lc. 22, 27)
2. Que se desembarace de tudo, a fim de poder cumprir apropriadamente o seu serviço, o que seria muito dificultado pela multidão do vestuário. É por isso que o Senhor depôs o seu manto. Isso está figurado no livro do Gênesis (17) quando Abraão escolhe os escravos mais desimpedidos.

3. Que esteja pronto a servir, ou seja, que tenha tudo o que é necessário para o seu serviço. De Marta lemos no Evangelho (Lc. 10, 40), afadigava-se muito na continua lida da casa. Por isso o Senhor pegando numa toalha, cingiu-se com ela, para estar pronto, não somente para lavar os pés, mas para secá-los.

Que nós saibamos calcar os pés sobre nosso orgulho, pois aquele que veio de Deus e a ele vai, lavou os pés.

II. — "Depois lançou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos".

Eis o serviço do Cristo, no qual de três modos sobressalta a sua humildade:

1. Quanto ao gênero do serviço, que é bastante humilde: é o Deus de Majestade que se inclina para lavar os pés aos servidores.
2. Quanto à multidão dos serviços, pois ele derrama a água, lava os pés, seca etc.
3. Quanto à maneira de proceder, pois não o fez por meio de outros, nem com assistentes, mas sozinho. “Quanto maior és, mais te deves humilhar em todas as coisas” (Ecl. 3, 20).

In Joan., XIII

43. Quarta-feira santa: Três ensinamentos místicos no Lava-Pés

"Depois lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés dos discípulos, e a limpar-lhos com a toalha com que estava cingido" (Jo. 13, 5)

Nesta passagem podemos tirar três ensinamentos místicos:

1. A água que lançou numa bacia significa a efusão de seu sangue na terra. Com efeito, o sangue de Jesus pode ser chamado água, pois tem poder para lavar. E foi por isso que, na cruz, saiu de seu lado traspassado sangue e água, para dar a compreender que seu sangue tem poder para lavar os pecados. Também podemos compreender, pela água, a Paixão de Cristo. “lançou água numa bacia”, i. e., imprimiu a memória da sua Paixão nas almas dos fiéis pela fé e pela devoção. “Lembra-te da minha pobreza e tribulação - absinto e fel que me fazem beber” (Lm. 3, 19).
2. Ao dizer “começou a lavar os pés dos discípulos”, faz alusão à imperfeição humana; pois os Apóstolos, depois de Cristo, eram os mais perfeitos e, no entanto, precisavam ser purificados, pois tinham algumas impurezas. Isso nos mostra que o homem, por melhor que seja, tem necessidade de se aperfeiçoar; e que contrai algumas manchas, conforme aquilo dos Provérbios (20, 9): “Quem pode dizer: O meu coração está puro, estou limpo do pecado?”. Contudo, estão sujos apenas nos pés. Outros, ao contrário,

não estão sujos apenas nos pés, estão totalmente sujos. Ora, os que jazem no chão sujam-se totalmente com as imundices da terra. Do mesmo modo, sujam-se totalmente os que se apegam totalmente às coisas da terra, já pelo sentimento, já pelos sentidos. Mas os que estão de pé, ou seja, os que buscam as coisas céu com o espírito e o coração, estão sujos apenas nos pés. Ora, assim como o homem de pé precisa ao menos tocar a terra com os pés para sustentar-se, nós, enquanto vivermos nessa vida mortal, que precisa das coisas terrestres para o sustento do corpo, contraímos algumas manchas, ao menos pelos sentidos. Por isso o Senhor recomenda aos discípulos sacudir o pó dos seus pés (Lc. 9, 5). Diz o Evangelho: "começou a lavar", pois a ablução dos afetos terrenos começa aqui embaixo, e é consumada no futuro. Assim, a efusão de seu sangue é significada pelo ter vertido a água numa bacia; e a ablução de nossos pecados, pelo ter começado a lavar os pés dos discípulos.

3. Finalmente, vê-se a aceitação de nossas penas sobre ele mesmo. Cristo não apenas limpou nossas manchas, mas tomou sobre si mesmo as penas incorridas pelas nossas faltas. Nossas penas e nossa penitência seriam insuficientes, se não tivessem por fundamento o mérito e a eficácia da Paixão de Cristo. O que é significado pelo ter secado os pés dos discípulos com um linho, i. e., o linho de seu corpo.

In Joan XIII.

44. Quinta-feira santa: A ceia do Senhor

O Sacramento do Corpo do Senhor foi convenientemente instituído na Última Ceia, e isso por três razões:

1. Em razão daquilo que este sacramento contém: ou seja, o próprio Cristo. No momento de deixar os discípulos em sua própria figura, Ele permanece com eles sob a forma sacramental, assim como, na ausência do imperador, exibe-se a sua imagem. Daí o dizer Eusébio: "Como o corpo que assumira havia de ser retirado da nossa visão corporal e elevado ao céu, era preciso que, na Última Ceia, Ele consagrasse para nós o sacramento de seu corpo e de seu sangue, a fim de que pudéssemos continuar a adorar no mistério o que uma vez ofereceu para nosso resgate".
2. Pois, sem a fé na Paixão, não pode haver salvação. Era, pois, preciso que sempre houvesse entre os homens algum sinal que representasse a Paixão do Senhor, que, na antiga lei, era principalmente representada pelo Cordeiro Pascal. No Novo Testamento, o Cordeiro pascal foi sucedido pelo sacramento da Eucaristia, que é um memorial da Paixão realizada no passado; assim como o Cordeiro era figurativo da Paixão que ocorreria no futuro. Era, portanto, conveniente que, nas vésperas da Paixão, após ter celebrado o sacramento anterior, fosse instituído o novo.
3. Pois, quando os amigos se separam, suas últimas palavras são guardadas com mais zelo pela lembrança. Sobretudo, porque o sentimento de afeição por eles é então mais ardente; e as coisas que mais nos tocam mais profundamente se imprimem na alma.

Ora, entre os sacrifícios, nenhum poderia ser maior que o do corpo e sangue de Nosso Senhor, e nenhum dom poderia ser maior que este; por isso, para que fosse tido com maior estima, o Senhor instituiu este sacramento no momento de deixar seus discípulos. Por isso disse Agostinho: o Salvador, para recomendar com maior veemência a grandeza deste mistério, quis imprimi-lo por último nos corações e na memória dos seus discípulos, os quais havia de deixar na sua Paixão.

Devemos notar que este sacramento possui uma tripla significação:

1. Quanto ao passado, enquanto é comemorativo da Paixão do Senhor, que foi um verdadeiro sacrifício, este sacramento é chamado sacrifício.
2. Quanto ao presente, i. e., à unidade da Igreja, e para que os homens se congreguem por este sacramento, é ele chamado comunhão. São João Damasceno diz que o chamamos comunhão posto que, por ele, comungamos com Cristo, participamos da sua carne e divindade e, por Ele, comungamos e nos unimos uns aos outros.
3. Quanto ao futuro, enquanto prefigura o gozo de Deus que existirá na pátria, este sacramento é chamado viático, posto que nos apresenta o caminho para lá chegarmos. Sob este aspecto, também é chamado Eucaristia, que quer dizer "boa graça", pois a graça de Deus é a vida eterna; ou porque contém realmente o Cristo que é a mesma plenitude da graça. Em grego, é chamado *metalipsis*, i. e., consumição, pois por ele tomamos a divindade do Filho de Deus.

De Humanitate Christi

45. Sexta-feira santa: A morte de Cristo

Foi conveniente que Cristo morresse, pelas seguintes razões:

1. Para consumar a nossa redenção, pois, apesar da Paixão ter virtude infinita por causa da união da divindade, não foi durante um sofrimento qualquer que nossa redenção foi consumada, mas na morte de Cristo. Por isso diz o Espírito Santo pela boca de Caifás (Jo. 11, 50): convém que morra um homem pelo povo. E santo Agostinho: Admiremos, congratulemo-nos, rejubilemo-nos, amemos, louvemos e adoremos, pois, pela morte de nosso redentor, fomos chamados das trevas à luz, da morte à vida, do exílio à pátria, do luto à alegria.
2. Para o aumento da fé, da esperança e da caridade. Quanto ao crescimento da fé, aquilo do salmista: quanto à mim, estou só até que eu passe, i. e., deste mundo ao Pai. Mas, quando tiver passado deste mundo ao Pai, então serei multiplicado. Se o grão de trigo que cai na terra não morre, permanece só. Quanto ao crescimento da esperança, diz o Apóstolo (8, 32): O que não poupou nem o seu próprio Filho, mas por nós todos o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas? É inegável que dar todas as coisas é ainda menos que entregar Cristo à morte por nós. São Bernardo diz: “Quem não se encherá da esperança de possuir confiança, se considerar a posição do

corpo crucificado de Cristo? Sua cabeça inclinada, para dar-nos o ósculo da paz; seus braços estendidos, para nos abraçar; suas mãos traspassadas, para nos cumular de bens; seu coração aberto, para nos amar; seus pés cravados, para permanecer conosco". Lemos nas Escrituras (Ct. 2, 14): "Pomba minha, tu que te recolhes nas aberturas da pedra". Nas chagas de Cristo, a Igreja estabeleceu e fez seu ninho, colocando a esperança de sua salvação na Paixão do Senhor; e assim protege-se das surpresas do falcão, i. e., do diabo. Quanto ao crescimento da caridade, aquilo das Escrituras (Ecle. 43, 3): "Ao meio dia queima a terra". Ou seja, no fervor da Paixão, ardem de amor os corações terrestres. Diz ainda São Bernardo: "O cálice que bebestes, ó bom Jesus, mais que tudo, vos fez amável. A obra de nossa redenção reivindica absoluta e prontamente todo nosso amor para si; ela faz agradável a devoção, torna-a mais justa, une-nos mais estreitamente e com maior veemência nos toca o coração".

3. Por causa do sacramento da nossa salvação, para que, pelo exemplo de sua morte, morrêssemos para este mundo. "Por isso a minha alma prefere a suspensão, os meus ossos preferem a morte" (Jó 7, 15). E são Gregório comenta: "A alma é a intenção do espírito, os ossos são a força da carne. O que está suspenso, foi erguido do chão. A alma, portanto, foi erguida às coisas da eternidade, para que morram os ossos, pois o amor da vida eterna destrói em nós toda a força da vida exterior". Ser desprezado pelo mundo é o sinal desta morte. São Gregório acrescenta: "o mar retém os corpos viventes, mas rejeita os cadáveres".

De humanit. Christi

46. Sábado Santo: Utilidade da descida de Cristo aos infernos

Da descida de Cristo aos infernos podemos tirar quatro ensinamentos para nossa instrução.

1. Primeiro, uma firme esperança em Deus, pois quando quer que o homem esteja em aflição, deve sempre esperar do auxílio divino e nele confiar. Nada há de mais sério do que cair no inferno. Se, portanto, Cristo libertou os que estavam nos infernos, cada um, se é de fato amigo de Deus, deve muito confiar para que Ele o liberte de qualquer angústia. Lê-se: "Esta (isto é, a sabedoria) não abandonou o justo que foi vencido (...) desceu com ele na fossa, e na prisão o não abandonou" (Sb. 10, 13-14). Como Deus auxilia aos seus servos de um modo todo especial, aquele que O serve deve estar sempre muito seguro. Lê-se: "O que teme ao Senhor por nada trepidará e nada temerá por que Ele é a sua esperança" (Ecl. 39, 16).
2. Segundo, devemos despertar em nós o temor, e de nós afastar a presunção. Pois, apesar de Cristo ter suportado a paixão pelos pecadores, e ter descido aos infernos, não libertou a todos, mas somente àqueles que estavam sem pecado mortal, como

acima foi dito. Aqueles que morreram em pecado mortal, deixou-os abandonados. Por isso, ninguém que desça de lá com pecado mortal espere perdão. Mas ficarão no inferno o tempo em que os Santos Patriarcas estiverem no Paraíso, isto é, para toda a eternidade. Lê-se em São Mateus: “Irão os malditos para o suplício eterno, os justos, porém, para o Paraíso” (Mt. 25, 46).

3. Terceiro, devemos viver atentos, porque se Cristo desceu aos infernos para a nossa salvação, também nós devemos com solicitude lá descer em espírito, meditando sobre às penas nele existentes, imitando o Santo Ezequias, que dizia: “Irão os malditos para o suplício eterno, os justos, porém, para o Paraíso” (Is. 38, 10). Desse modo, aquele que em vida vai lá pela meditação, não descerá facilmente para o inferno na morte, porque essa meditação afasta do pecado. Aos vermos como os homens deste mundo evitam as más ações por temor das penas temporais, como não deveriam eles muito mais se resguardarem do pecado por causa das penas do inferno, que são muito mais longas, mais cruéis e mais numerosas? Eis porque lê-se nas Escrituras: “Lembra-te dos teus últimos dias, e não pecarás para sempre” (Ecl. 7, 40).
4. O quarto ensinamento tirado da descida de Cristo aos infernos, é nos ter Ele oferecido um exemplo de amor. Cristo desceu aos infernos para libertar os seus. Devemos também nós lá descer pela meditação, para auxiliar os nossos. Eles, por si mesmos, nada podem conseguir. Nós é que devemos ir em socorro dos que estão no purgatório. Se alguém não quisesse socorrer um ente querido que estivesse na prisão, como isso nos pareceria cruel! No entanto, seria muito mais cruel aquele que não viesse em socorro do amigo que está no purgatório, pois não há comparação entre as penas deste mundo e aquelas. Lê-se a esse respeito: “Tende piedade de mim, tende piedade de mim, pelo menos vós, ó meus amigos, porque a mão de Deus me socorre” (Jo. 19, 21). — “É santo e salutar o pensamento de orar pelos defuntos para que sejam livres dos pecados” (Mc 19, 46).

São auxiliados os que estão no purgatório principalmente por três atos, conforme disse Agostinho: pelas Missas, pelas orações e pelas esmolas. Gregório acrescenta um quarto: o jejum. Não deve causar admiração que assim seja, porque também neste mundo o amigo pode satisfazer pelo amigo. A mesma coisa acontece com os que estão no purgatório.

In Symb.